



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

**OS FESTEJOS JUNINOS COMO OPORTUNIDADE DE
DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO: MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO
DE CAMPINA GRANDE**

TATIELLE PEREIRA CAVALCANTE MATOS

**BRASÍLIA-DF
DEZEMBRO, 2018**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

**OS FESTEJOS JUNINOS COMO OPORTUNIDADE DE
DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO: MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO
DE CAMPINA GRANDE**

TATIELLE PEREIRA CAVALCANTE MATOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Turismo – do Centro de Excelência em Turismo – CET – da Universidade de Brasília - UnB – na linha de pesquisa Cultura e Sustentabilidade no Turismo, como requisito à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientador: Profa. Dra. Neuza Farias de Araújo.

**BRASÍLIA-DF
DEZEMBRO, 2018**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

PM433f Pereira Cavalcante Matos, Tatielle
 OS FESTEJOS JUNINOS COMO OPORTUNIDADE DE
DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO: MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO DE
CAMPINA GRANDE - / Tatielle Pereira Cavalcante Matos;
orientador Neuza Farias de Araújo. -- Brasília, 2018.
 118 p.

 Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Turismo)
-- Universidade de Brasília, 2018.

 1. Maior São João do Mundo. 2. Campina Grande/PB. 3.
Turismo. 4. Patrimônio . 5. Cultura. I. Farias de Araújo,
Neuza, orient. II. Título.



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Programa de Pós-Graduação em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo

Dissertação de autoria de Tatielle Pereira Cavalcante Matos, intitulada: **“Os festejos juninos como oportunidade de desenvolvimento turístico: Maior São João do Mundo de Campina Grande”** submetida ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como requisito necessário para obtenção do grau de Mestre em Turismo, em 12/12/2018, apresentada à Comissão Examinadora abaixo assinada.

Aprovada por:

Profa. Dra. Neuza Farias de Araújo
Orientadora – Presidente da Banca
CET – UnB

Profa. Dra. Natália de Souza Aldrigue
Membro Interno
CET – UnB

Profa. Dra. Erlane Bandeira de Melo Siqueira
Membro Externo
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Profa. Dra. Donária Coelho Duarte
Membro Interno Suplente
CET – UnB

Brasília, 12 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao ser superior no qual eu confio e que guia os meus passos em busca do bem maior.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Neuza Farias de Araújo, pela confiança e apoio. Pelos encontros e por suas palavras positivas e de motivação, pelas atenciosas e pacientes orientações que me ajudaram e me guiaram nesta difícil caminhada.

Agradeço aos professores e colaboradores do Centro de Excelência em Turismo.

Agradeço à minha mãe, Noeme Pereira Cavalcante, que sempre me ensinou a importância de ser uma mulher independente e a caminhar em busca dos meus objetivos.

Agradeço a todos da turma do mestrado, que durante esse aprendizado, estiveram unidas e foram companheiros nos momentos de dificuldades, sempre se ajudando mutuamente.

Agradeço à Suely Ribeiro de Oliveira, por sua amizade, disposição e paciência em me ajudar com a revisão, por me aguentar durante as crises nervosas e momentos de desespero, tão frequentes nessa maratona.

Agradeço aos amigos que gentilmente contribuíram com as entrevistas.

Agradeço aos amigos e todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram ao meu lado durante esse processo de construção do conhecimento, oferecendo a amizade e a força que eu precisava para seguir em frente.

Festa de São João

Do escritor e poeta, Bráulio Tavares, Deixa Junho pro São João. (17 de outubro de 2017) e Poesia Com Rapadura. Editora Cene.

Num país tão rico e belo
Tão grande, tão cultural
Tem festa o ano inteiro
Mas junho é especial
É o carnaval do sertão
Nossa festa de São João
Cheia de gente animada
Vem pra cá você também
Que eu vou dizer o que tem
Nessa festa arretada
Tem pamonha, tem canjica
Milho cozido e assado
Tem beju, tem tapioca
Com cafezinho coado
Bolo de milho e fubá
E pro cabra se esquentar
Tem o famoso quentão
E a boca não se aquieta
Duvido fazer dieta
Nas festas de São João

Tem o calor da fogueira
Que esquenta o coração
Bandeirinhas coloridas
Colorindo essa nação
Tem a quadrilha do bem
Que não faz mal a ninguém
Que não rouba, nem desvia
Só orgulha o brasileiro
Não se importa com dinheiro
E nem sonega alegria!
Tem forró de pé de serra
Tem matuto arrumado
Todo nos panos, nos trinks
Jeitoso e bem perfumado
Tem tanta moça bonita
Com vestidinho de chita
Dançando lá no terreiro
Chega a poeira levanta
Nessa festa que encanta
Todo o povo brasileiro.”

RESUMO

A festa de São João de Campina Grande denominada como “Maior São João do Mundo” é realizada durante trinta dias consecutivos do mês de Junho no Parque do Povo, sede da festa desde a sua inauguração, em 1983. Atualmente, a organização do evento é feita por meio de uma parceria pública e privada - Aliança Comunicação e Cultura, com sede em Recife/PE. Esta dissertação teve como problemática de pesquisa a questão dos benefícios que a cidade de Campina Grande na Paraíba ganha ao realizar o evento considerado como o “Maior São João do Mundo”. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a importância da cultura do Maior São João de Campina Grande/PB na preservação e divulgação dos patrimônios histórico-culturais da cidade, com vistas a compreender sua influência no desenvolvimento do turismo local. O método de pesquisa do estudo se caracteriza por uma abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas, pesquisa de campo, questionário *online* - *Google Docs*, e análise de conteúdo. Foram separados dois grupos de análise. O primeiro foram os gestores/organizadores e o segundo foram os respondentes (frequentadores da festa) por meio da pesquisa *online*. Em relação às dimensões da sustentabilidade (ambiental, cultural, social, política e econômica), buscou-se identificar e analisar os impactos positivos e negativos gerados pelo festejo na opinião dos respondentes da pesquisa *online*. Os resultados da pesquisa mostraram que vem sofrendo influência da "modernidade", ressignificação. A festa se tornou um evento de grandes dimensões, isso é visível nos diversos ritmos e nas apresentações espetaculares, o tradicional está se perdendo em meio ao comércio, para os frequentadores da festa são os impactos negativos mais lembrados.

Palavras chave: Maior São João do Mundo; Campina Grande/PB; Turismo, Patrimônio, Cultura.

ABSTRACT

The feast of St. John of Campina Grande, known as "Greater São João do Mundo", is held for thirty consecutive days in June at the Parque do Povo, the venue of the feast since its inauguration in 1983. Currently, the organization of the event is made through a public and private partnership - Communication and Culture Alliance, based in Recife / PE. This dissertation had as a research problem the question of the benefits that the city of Campina Grande in Paraíba wins when realizing the event considered as "Greater São João do Mundo". The general objective of the research was to analyze the importance of the culture of Greater São João de Campina Grande / PB in the preservation and dissemination of the historical and cultural heritage of the city, in order to understand its influence in the development of local tourism. The research method of the study is characterized by a qualitative approach, with bibliographic research, semi-structured interviews, field research, online questionnaire - Google Docs -, and content analysis. Two groups of analysis were separated. The first was the managers / organizers and the second were the respondents (party goers) through the online survey. In relation to the dimensions of sustainability (environmental, cultural, social, political and economic), we sought to identify and analyze the positive and negative impacts generated by the celebration in the opinion of online survey respondents. The results of the research showed that it has been updating, under the influence of "modernity", re-signification. The party has become an event of great dimensions, this is visible in the different rhythms and the spectacular presentations, the traditional one is being lost amid the commerce, for the party goers of the party are the negative impacts more remembered.

Keywords: Greater São João do Mundo; Campina Grande / PB; Tourism, Heritage, Culture.

LISTA DE FOTOS

<u>Foto 1 - Maior São João do Mundo de 2017</u>	<u>55</u>
<u>Foto 2: A primeira edição do São João de Campina Grande em 1983.....</u>	<u>60</u>
<u>Foto 3: Parque do Povo é cheio de histórias e cultura.....</u>	<u>61</u>
<u>Foto 4: Pirâmide do Parque do Povo foi construída em 1986 e na verdade seria para representar uma fogueira.....</u>	<u>62</u>
<u>Foto 5: Após construção da 'pirâmide' festa passou a ter centenas de barracas com comidas e bebidas</u>	<u>63</u>
<u>Foto 6: A partir de 1996 as barracas no Parque do Povo foram padronizadas para o São João.....</u>	<u>63</u>
<u>Foto 7: Em 1989 o Parque do Povo foi expandido por causa de grande sucesso de público no São João.....</u>	<u>64</u>
<u>Foto 8: A partir de 1999 estruturas do São João no Parque do Povo passou a ter cidade cenográfica.....</u>	<u>65</u>
<u>Foto 9: Entre 2000 e 2014 o palco principal do São João de Campina Grande era montado na parte de baixo do Parque do Povo.....</u>	<u>65</u>
<u>Foto 10: Desde 2017 a organização do São João de Campina Grande adota um formado 360º para o palco principal.....</u>	<u>66</u>
<u>Foto 11: Novo palco 360º montado para o São João 2018 de Campina Grande, no Parque do Povo.</u>	<u>67</u>
<u>Foto 12: Localização de Campina Grande no Estado da Paraíba</u>	<u>70</u>

LISTA DE QUADROS

<u>Quadro 1 – Distância entre algumas capitais brasileiras</u>	<u>72</u>
<u>Quadro comparativo 2 - de mudanças (Várias alternativas poderiam ser escolhidas e tinham opção de incluir novas mudanças.)</u>	<u>85</u>
<u>Quadro de mudanças 3 - (Várias alternativas poderiam ser escolhidas e tinham opção de incluir novas mudanças.).....</u>	<u>86</u>
<u>Quadro de opiniões 4 - (Várias alternativas poderiam ser escolhidas e tinham opção de incluir novas mudanças.).....</u>	<u>89</u>

LISTA DE MAPAS

<u>Mapa 1 – Divisão administrativa</u>	<u>71</u>
<u>Mapa 2 – Bairros de Campina Grande.....</u>	<u>72</u>

LISTA DE GRÁFICOS

<u>Gráfico 1 - do gênero</u>	76
<u>Gráfico 2 – da faixa etária</u>	77
<u>Gráfico 3 – do estado civil</u>	78
<u>Gráfico 4 – da renda</u>	79
<u>Gráfico 5 – da profissão</u>	80
<u>Gráfico 6 – da escolaridade</u>	81
<u>Gráfico 7 – da religião</u>	82
<u>Gráfico 8 – da frequência</u>	83
<u>Gráfico 9 – da mudança</u>	84
<u>Gráfico 10 – de atratividade</u>	88
<u>Gráfico 11 – de representação</u>	92

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

BA: Bahia

EMBRATUR: Instituto Brasileiro de Turismo

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM: Índice de Desenvolvimento Humano

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ltda: Limitada

MTUR: Ministério do Turismo

OMT - Organização Mundial do Turismo

ONU: Organização das Nações Unidas

PB: Paraíba

PE: Pernambuco

PI: Piauí

PIB: Produto Interno Bruto

PNPI: Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

RMCG: Região Metropolitana de Campina Grande

RME: Região Metropolitana de Esperança

RN: Rio Grande do Norte

S/A: Sociedade Anônima

SE: Sergipe

SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	18
CAPÍTULO 2 - CULTURA, PATRIMÔNIO E TURISMO	32
2.1 – CULTURA	32
2.2 – IDENTIDADE	37
2.3 – PATRIMÔNIO	40
2.4 – TURISMO.....	49
CAPÍTULO 3 – UMA BREVE HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA DA FESTA ...	57
3.1 - ORIGEM DA FESTA JUNINA	57
3.2 - MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO	59
CAPÍTULO 4 – CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE - PB	67
4.1 - CAMPINA GRANDE.....	68
CAPÍTULO 5 - RESULTADO DOS DADOS	75
5.1 - Questionário.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS	102
CRONOGRAMA DE PESQUISA	114
APÊNCIDE A – ENTREVISTA DOS FREQUENTADORES: OS FESTEJOS JUNINOS COMO OPORTUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO	115
APÊNCIDE B – ENTREVISTA DA ORGANIZAÇÃO: OS FESTEJOS JUNINOS COMO OPORTUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO	118

INTRODUÇÃO

Atualmente os festejos juninos vêm se tornando um excelente negócio. Sanfona, bandeirinhas, quadrilha, pipoca e quentão já não são mais fabricações improvisadas para celebrar o São João, São Pedro e Santo Antônio. Hoje, as festas juninas se transformaram em negócio milionário.

De acordo com o Ministério do Turismo, o nordeste é uma região que concentra o maior número de festas e com maiores endereços. Entre os grandes eventos que abrangem praticamente todo o mês de junho estão as festas nas cidades de Caruaru (PE), Campina Grande (PB) e Mossoró (RN).

Grande parte da região comemoram o São João com mostras populares, além dos tradicionais arraiais nos bairros e festivais de quadrilhas juninas. Outras capitais com tradição nos festejos não Nordeste são Aracaju (SE), Teresina (PI), e Salvador (BA). Há festas de todos os tipos de produtos, das maiores - com musicais famosas às pequenas comemorações, menos conhecidas.

Nos casos do Maior São João do Mundo/PB e o São João de Caruaru/PE os destinos profissionalizaram a organização do evento e os colocaram na agenda nacional de forma a captar a cada ano um número maior de participantes vindos das cinco regiões do Brasil. A publicidade dada a estes eventos aos poucos tem se estendido pelos demais estados do nordeste onde ainda ocorre o culto a São João, São Pedro e Santo Antônio.

Na região nordeste, especificamente na cidade de Campina Grande localizada no Estado da Paraíba, além das festas juninas terem grande significado cultural na região, existe grande movimentação com a chegada de turistas.

Muitos empreendedores aproveitam essa oportunidade para entrar no mundo dos negócios. Os resultados positivos durante as festividades têm provocado a formalização de muitos empreendedores da região, com confecção de roupas sob medida, no serviço ambulante de alimentação com produtos regionais e no comércio varejista de bebidas. Segundo Luiz Barretto (presidente do SEBRAE, 2013, Agência Sebrae de Notícias) “As festas do Nordeste nessa época do ano sempre movimentam um grande volume de dinheiro e a boa notícia é ver que esses recursos agora fazem parte da economia formal”. Avalia também que a formalização

desses vendedores autônomos fortalece a economia local. “Um negócio formalizado tem possibilidades de prestar serviços e vender produtos o ano inteiro, inclusive para empresas e governos, sem depender exclusivamente do período de festas juninas”.

Há um forte apelo turístico nessas festas, uma vez que apresentam particularidades regionais, mitos religiosos ou simplesmente a vontade de dançar, e degustar da gastronomia local. Podendo ser capaz de gerar divisas, que vem desenvolvendo projetos de incentivo ao desenvolvimento de festas em pequenas cidades carentes de recursos. Portanto, a festa junina adquire tríplice importância: por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cenas valores, projetos, arte e devoção do povo brasileiro), como modelo de ação popular (no sentido de que a festa junina tem sido em muitas ocasiões o modo de concentração e riquezas investimento de – investimento feito em benefícios sociais, como creches e escolas) e como espetáculo, produto turístico capaz de revigorar a economia de muitas cidades.

Sendo assim, chegou-se a pergunta de pesquisa que orienta este trabalho: **os festejos juninos podem contribuir para a mudança dessas atitudes (tríplice importância), se forem utilizadas como uma oportunidade de desenvolvimento como um todo? Quais benefícios podem ser gerados com a prática dos festejos?** A pesquisa buscará responder tais questões.

Há festas juninas em todo o Brasil, mas no Nordeste, particularmente, em Pernambuco (Caruaru) e Paraíba (Campina Grande) há dois eventos importantes, cujas cidades ocupam posições de representação cultural importante. Assim, nossa intenção nesta pesquisa reside em fazer uma análise da importância da cultura do Maior São João de Campina Grande/PB, considerando a preservação e divulgação dos patrimônios histórico-culturais da cidade, com vistas a compreender sua influência no desenvolvimento sustentável do turismo local.

O foco na contribuição que pretende-se dar ao turismo como possível ferramenta de desenvolvimento e sua importância na conservação da cultura, conservação que pode contribuir para o turismo e, portanto, para a geração de emprego e renda (benefícios econômicos). A festa (tradição/cultura) chama o turista/turismo que implica na conservação/manutenção da festa.

Desta forma, o objetivo geral do trabalho é analisar a importância da cultura do Maior São João de Campina Grande/PB na preservação e divulgação dos patrimônios histórico-culturais da cidade, com vistas a compreender sua influência no desenvolvimento do turismo local. Para tanto, buscou-se: contextualizar a história dos/das festejos/festa de São João em Campina Grande/PB e o surgimento do adjetivo de “maior do mundo”, levantar dados sobre os aspectos culturais, social, político e econômico da cidade de Campina Grande, particularmente no que se refere ao evento junino; identificar os aspectos, da cultura material e imaterial presentes na festa e obter dados sobre o turismo relativo aos festejos

Justifica-se pela a expressão máxima da cultura popular, do Nordeste, como festas juninas unem música, gastronomia, artesanato e cultura popular. Os eventos normalmente homenageiam três santos, com celebrações que acontecem no mês de junho: Santo Antônio (13), São João Batista (24) e São Pedro (29).

Propõe-se investigar, por meio de uma discussão teórica, a relação das festas religiosas com a cultura, os patrimônios históricos, materiais e imateriais, e o turismo cultural e religioso em Campina Grande - PB, com o intuito de buscar compreender de que forma essa festa pode contribuir para a preservação dos patrimônios históricos, sustentabilidade do evento e para o desenvolvimento do turismo na cidade.

O primeiro capítulo define as estratégias metodológicas da pesquisa, os critérios de busca e categorização do Maior São João do Mundo para, já no segundo capítulo, mostrar como Cultura, Identidade, Patrimônio e Turismo, tem contribuições na festa. O terceiro capítulo versa sobre o uma breve história da cartografia da festa - origem da festa junina e Maior São João do Mundo. O quarto capítulo, contém o contextualizando a história de Campina Grande – PB. No quinto capítulo, apresenta os resultados dos dados. E nas evidências finais, apresenta-se uma análise crítica sobre o evento de São João, as recomendações que os precedem além de sugestões para o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

O presente capítulo tem como propósito apresentar a metodologia utilizada para a construção deste trabalho. Vale ressaltar que seu objeto de estudo é a importância da cultura do Maior São João de Campina Grande/PB na preservação e divulgação dos patrimônios histórico-culturais da cidade, com vistas a compreender sua influência no desenvolvimento do turismo local.

Gil (1989) aponta que a ciência pode ser considerada como uma forma de conhecimento que ocorre de forma rigorosa e apropriada que tem por objetivo formular leis que regem os fenômenos.

Dencker (2007) ressalta que o trabalho científico durante muito tempo foi visto como algo excepcional “coisa de gênio”. Entretanto, atualmente o conhecimento científico pode ser gerado a partir de uma pesquisa e com o tratamento de questões abordadas metodologicamente.

Lakatos e Marconi (2003) apontam que as ciências possuem objetivo ou finalidade, função e objeto de estudo.

Sendo assim, a metodologia constitui-se como os caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa ou estudo, para se fazer ciência (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Com o intuito de organizar e melhor expressar a metodologia utilizada, que apresentam os métodos e técnicas da sua construção.

A pesquisa científica é a concretização de um estudo com planejamento, sendo que o método de abordagem do problema é o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Esta objetiva encontrar respostas para questões diante da aplicação do método científico (LAKATOS e MARCONI, 2003).

O método de abordagem empregado nessa pesquisa foi o Hipotético-Dedutivo. Seu uso nas pesquisas em ciências sociais mostra-se eficiente, uma vez que, como fundamenta Gil (1989), seus princípios são mostrados por um grande número de autores para a construção de modelos lógicos de pesquisa em ciências sociais. Esse método foi definido por Karl Popper a partir de críticas à indução (GIL, 1999). E sua linha de raciocínio pode ser explicada no seguinte trecho:

(...) quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Para tentar explicar as dificuldades expressas no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo se procura a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la (GIL, 1999, p. 30).

Portanto, ao se verificar essa lógica apresentada, conseguimos entender que a pesquisa científica com abordagem hipotético-dedutivo inicia-se com a formulação de um problema, ou seja, com uma lacuna no conhecimento científico. Após essa constatação há a formulação de hipóteses, que por um processo de dedução, gera consequências, as quais são testadas na tentativa de falseá-las.

Para melhor entendimento da linha de raciocínio desse método e, assim, explicitar com mais nitidez como ele foi aplicado para a realização dessa pesquisa, recorreu-se também a Lakatos e Marconi (2003), as quais explicam que o surgimento do problema infere de um contexto antecedente, que consiste no conhecimento prévio ou na expectativa do pesquisador. Afirmam que o problema precisa ser descrito de forma precisa e clara, e que ele é o direcionador do estudo a partir do momento que evidencia o que é ou não relevante para a pesquisa, além de demonstrar quais os dados que devem ser analisados.

Vale ressaltar, que essas mesmas autoras ainda explicam que, posteriormente ao problema há um momento de observação que não é aleatório, mas sim direcionado, já com um objetivo. É uma fase cautelosa em que é observado determinado aspecto do universo, objeto da pesquisa, para então surgir à segunda fase do método hipotético-dedutivo, a hipótese, também chamada por elas de conjectura ou suposição. Esta se trata de uma solução que é apresentada na forma de uma proposição (normalmente no formato —Se... então!) passível de teste, e que é formulada para se explicar ou para se prever o que despertou a curiosidade no cientista (LAKATOS e MARCONI, 2003).

Da mesma forma que Gil (1999), as autoras Lakatos e Marconi (2003) também explicam que o método hipotético-dedutivo exige uma fase de eliminação de erros com a realização de testes e tentativas de falseamento das consequências

deduzidas da hipótese. Ao final, existe a fase da verificação da hipótese, que resultará no seu refutamento ou na sua corroboração. Caso seja refutada, dá-se início novamente ao ciclo das fases do método, com a construção de outra hipótese.

Para situar a presente pesquisa nas etapas do método de Popper, pelo qual ela foi balizada, será explicada o problema de pesquisa deste trabalho e apresentada a hipótese que foi levantada para a aplicação de tal método. No decorrer do estudo, com base nessa hipótese, serão deduzidas consequências a serem testadas também durante o seu desenvolvimento. Por fim, haverá a verificação se a hipótese foi corroborada pela pesquisa desenvolvida.

Levando em conta as considerações de Gil (1989) e Lakatos e Marconi (2003) delineou-se como hipótese a ser trabalhada nesta pesquisa a seguinte: **o Maior São João do Mundo foi descaracterizado com o passar dos anos? Existe a valorização da cultura? Houve a ressignificação do evento?**

Lakatos e Marconi (2003) apontam que a terceira etapa do método é a realização de testes, que se constituem como tentativas de falseamento que visa à eliminação de erros, tais como a redundância, a inconsistência, dentre outros. Explicam, ainda, que falsear é tornar as consequências deduzidas ou derivadas da hipótese “se p , então q , ora não- q , então não- p , ou seja, se q é difusível de p , mas q é falso, logicamente p é falso” (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 98).

Portanto, o falseamento da hipótese deste trabalho seria: A motivação para a participação dos festejos juninos não está relacionados com a experiência vivida nele, então os festejos juninos não proporcionam uma experiência do turismo. Isto porque só é possível que a motivação para a participação nos festejos juninos esteja relacionada com a experiência vivida neles, se os festejos juninos proporciona uma experiência relacionada ao turismo.

Gil (1989) pontua que atualmente o método hipotético-dedutivo possui notável aceitação, principalmente no campo das ciências sociais e naturais. “Seus princípios são apresentados por um número de autores como suficientes para a construção de modelos lógicos de investigação em ciências sociais.” (GIL, 1989, p. 31).

Existem várias formas de se classificar as pesquisas científicas. Isso se deve ao fato que os critérios utilizados para a classificação dos tipos de pesquisa mudam de acordo com a abordagem utilizada, com os interesses, com os campos

estudados, com as metodologias empregadas, ou até mesmo com os objetos de estudo.

Baseado nesse esquema, verificamos que essa dissertação é classificada metodologicamente sob o aspecto de sua natureza como uma pesquisa aplicada. E do ponto de vista dos seus objetivos é classificada como um estudo exploratório e descritivo. Todos esses tipos de pesquisa serão explicados separadamente a seguir, na respectiva ordem aqui exposta.

Uma pesquisa aplicada — objetiva gerar conhecimentos, para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais. O que a diferencia da pesquisa básica, é o fato que esta — objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. “Envolve verdades e interesses universais” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

Com essa explicação fica perceptível que essa pesquisa trata-se de uma pesquisa aplicada, pois ao se verificar pontos já explicitados anteriormente – tais como a apresentação do tema, seu delineamento e seus objetivos – conclui-se que seus objetivos têm desdobramentos práticos, seu problema é específico e não possui um interesse universal.

Para chegar ao presente tema e delimitação do objeto de estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de nível exploratório, através da técnica de observação simples. Segundo Dencker (2007, p. 151), a pesquisa exploratória “procura aprimorar ideias ou descobrir intuições”. Este tipo de pesquisa envolve um planejamento flexível, um levantamento de dados bibliográfico preliminar e, ainda, entrevistas com pessoas, de modo a ajudar na construção e aprimoramento das ideias. No caso deste trabalho, a pesquisa exploratória foi fundamental para o processo de delimitação do objeto de estudo, definição de objetivos de pesquisa e identificação dos desafios a serem superados.

Gil (1989) aponta que a técnica de observação simples é aquela em que o pesquisador permanece alheio ao seu objeto de estudo, observando de maneira espontânea os fatos que aí ocorre. “Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator” (GIL, 1989, p. 105).

O mesmo autor ressalta que, apesar da observação simples poder ser caracterizada como espontânea, a coleta de dados por observação é seguida de um

processo de registro, análise e interpretação de dados coletados, o que lhe confere a sistematização e o controle requerido para os procedimentos científicos.

Durante a pesquisa exploratória de observação simples a pesquisadora esteve presente em três festivais de música internacionais ocorridos em Campina Grande - PB, Maior São João do Mundo em junho/julho de 2018 e o Maior São João do Cerrado realizado em maio de 2018.

Durante a participação nestes eventos foi possível observar a dinâmica dos festejos, o envolvimento do público, a interação entre os diversos participantes e as formas de compartilhamento. Essa observação foi fundamental para o direcionamento e recorte do presente estudo.

Neste sentido, torna-se pertinente considerar que:

Uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória possibilita familiarizar-se com as pessoas e suas preocupações. Ela também pode servir para determinar impasses e os bloqueios, capazes de entravar um projeto de pesquisa de grande escala (POUPART ET AL, 2008 p. 130).

Sendo assim, a pesquisa exploratória cumpriu o seu papel de elucidar a pesquisadora a cerca do tema, delinear os objetivos de pesquisa e de aclarar quais seriam as técnicas mais eficientes a serem utilizados para se atingir os objetivos.

A pesquisa descritiva, por sua vez, objetiva descrever as características de um objeto de estudo. [...] Nesse caso, a pesquisa não está interessada no por que, nas fontes do fenômeno; preocupa-se em apresentar suas características (GONÇALVES, 2003, p. 65).

De acordo com o que Lakatos e Marconi (2003) destacam, quando o pesquisador somente registra e descreve os fatos observados sem fazer interferências neles, ele está realizando uma pesquisa descritiva. Ressaltam, igualmente, que ela procura classificar, explicar e interpretar fatos que ocorrem. Nesse tipo de pesquisa os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Corroborando com a explicação de Gonçalves (2003), citada anteriormente, esses últimos autores explicam de forma bastante clara do que se trata esse tipo de pesquisa:

Visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento. Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.52).

Com isso exposto, fica mais clara a compreensão de que esse tipo de pesquisa foi utilizado em duas etapas essenciais desse estudo: na 2ª etapa (Aprofundamento Teórico – definição da metodologia de pesquisa e fundamentação teórica), quando se construiu o referencial teórico da pesquisa e; e na 3ª etapa (Pesquisas e Análises – pesquisa em documentos, pesquisa de campo e análise dos dados).

Por fim, é importante destacar mais uma observação de *Prodanov* e *Freitas* (2013, p.53) que afirmam que "as pesquisas descritivas são, juntamente com as pesquisas exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática", fato este que se encaixa perfeitamente com as preocupações dessa dissertação, o desempenho prático.

Para a concretização dessa dissertação, foram realizadas a pesquisa bibliográfica, a documental e a pesquisa de campo. Sendo, a pesquisa bibliográfica elaborada a partir de material já publicado, com a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito, falado ou filmado sobre o objeto da pesquisa. Inclusive eventos, como apresentações e debates, que tenham sido transcritos de alguma forma, publicados ou gravados (LAKATOS; MARCONI, 2003). Para o desenvolvimento do presente estudo, essa técnica de pesquisa envolveu a consulta de livros, artigos científicos, *web sites*, dissertações, e publicações em periódicos nacionais e estrangeiros.

A pesquisa bibliográfica, que não está limitada à parte inicial, mas sim ao longo do trabalho com um papel fundamental de guiar o pesquisador em função do movimento do objeto, visando delimitar uma ou outra categoria de análise quando necessário (POUPART ET AL, 2008). Gil (1989, p. 71) aponta que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dencker (2007) ressalta que basicamente todas as pesquisas requerem uma fase preliminar de levantamento de dados e revisão da literatura existente para a elaboração conceitual e definição do objeto de estudo. Neste estudo, a pesquisa bibliográfica não foi utilizada somente para uma revisão do tema existente, mas para a análise sob a perspectiva escolhida de um objeto de estudo a partir de uma literatura existente. Neste sentido, a pesquisa bibliográfica foi essencial para a construção do referencial teórico deste trabalho, no processo de busca por eventos juninos nos períodos históricos até os dias atuais, na conceituação dos termos utilizados por esta pesquisa nas quais se destacam: o turismo, os festejos juninos, a motivação, a experiência, dentre outras. Recorreu-se, também, à pesquisa bibliográfica para a construção da historicidade do Maior São João do Mundo, entretanto a bibliografia disponível da temática foi extremamente restrita, o que levou à utilização da seguinte técnica de pesquisa: consulta de livros, artigos científicos, *web sites*, dissertações, e publicações em periódicos nacionais e estrangeiros.

Tendo em vista que o objeto de estudo desta pesquisa constitui-se de um tema extremamente atual, uma dificuldade encontrada foi à escassez de publicações a respeito dos festivais de música. Portanto, se fez necessário à busca de informações em sites de divulgação dos eventos, jornais, revistas e depoimentos, o que configura uma pesquisa documental. Lakatos e Marconi (2003) apontam que ela se baseia na coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, que se constituem de “fonte primária”, ou seja, que ainda não passaram por um tratamento de informações.

Gil (1989, p. 71) aponta que:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico. [...] Existem, de um lado, os documentos de

primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornais, cartas, contratos, diários, filmes, fotografais, gravações, etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.

A pesquisa documental pode ser explicada como:

Um conjunto de procedimentos que visa selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação e fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF *apud* BARROS; DUARTE, 2008, p. 51).

Em função de suas características, ela pode ser confundida com a pesquisa bibliográfica. Mas para que esse engano não aconteça recorreremos a uma explicação dada por Gil (1999), que esclarece que essa diferença está na natureza da fonte utilizada, uma vez que a pesquisa bibliográfica baseia-se em materiais nos quais os autores já fizeram contribuições sobre o assunto, enquanto que a pesquisa documental fundamenta-se em fontes que ainda não receberam nenhum tratamento analítico ou que proporcionem a possibilidade de serem reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Temos como exemplos documentos oficiais, reportagens de jornal, filmes, gravações, relatórios de pesquisa, tabelas estatísticas, entre outros.

Prodanov e Freitas (2013) explicam o que são documentos no trecho que citamos a seguir:

Entendemos por documento qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação, por meio de investigação, que engloba: observação (crítica dos dados na obra); leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor interno da obra); reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra); crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico) (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 56).

Essa explicação nos é essencial, visto que os autores detalham todos os procedimentos realizados na pesquisa documental dessa dissertação: observação, leitura, reflexão e crítica dos documentos. Para o enriquecimento da dissertação foi necessário a pesquisa de campo em loco, Campina Grande/PB.

Na presente dissertação a pesquisa de campo foi realizada como uma análise de suporte do trabalho, uma forma de enriquecimento da pesquisa com a coleta e análise de informações sobre o tema estudado a partir de uma visão dos próprios atores da política nacional de turismo do Brasil. Assim sendo, a realização do estudo de campo objetivou conseguir informações, averiguar fatos e determinar opiniões de gestores públicos do município de Campina Grande – PB a respeito do Maior São João do Mundo e a relação deste com as políticas e com os programas instituídos no país. Igualmente, teve o intuito de acessar seu nível de engajamento com o Maior São João do Mundo e/ou seu conhecimento sobre o tema.

O estudo de campo foi realizado por meio de entrevistas:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.195).

A pesquisa de campo pode ser entendida como:

Aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.186).

No caso específico dessa dissertação, as entrevistas foram semiestruturadas e aplicadas pela pesquisadora, durante os meses de janeiro e de julho de 2018 junto aos 390 participantes (turistas de diversos estados e moradores da região) do evento, e no mês de maio de 2018, junto a quatro gestores públicos do município de Campina Grande - PB. Desses 5 (cinco), 1 (um) Coordenador, 1 (um) Secretário, 1 (uma) empresa privada organizadora, 1 (um) Prefeito e 1 (um) Vice-Prefeito. Chegamos a esse número de entrevistados, ao selecionarmos pelo menos um representante das três esferas de governo local existentes na estrutura administrativa do município (Secretaria de Esporte, Juventude e Lazer,

Coordenadoria de Comunicação, Prefeito e Vice-Prefeito); como também, no mínimo, um gestor ligado a cada departamento que executa alguma iniciativa relacionada ao tema de estudo. Tal seleção deu-se após o levantamento teórico realizado pela autora e a análise documental dos programas voltados à temática.

O mês de abril também estava reservado para aplicação de algumas entrevistas, contudo não foram efetivadas. Isto porque, no primeiro momento pretendia-se entrevistar além de coordenadores e diretores desse órgão, membros do mais alto escalão do município, como os Secretários, coordenadores e vereadores. Porém, no período previsto para a realização das entrevistas, houve desmarcação das mesmas e os contatos estabelecidos anteriormente foram perdidos. Com a movimentação de sua equipe não foi possível estabelecer agenda para aplicação das entrevistas para tais pessoas.

Diante disso entende-se que a qualidade da pesquisa ficou comprometida, visto que os membros que foram entrevistados são peças-chave do órgão, pois em sua maioria estão em coordenações e departamentos diretamente ligados às iniciativas de interesse desse estudo, e trabalharam na formulação das políticas e do evento, e atualmente em sua efetivação, divulgação e acompanhamento.

É válido ressaltar que os entrevistados foram selecionados de forma oportuna, não probabilística por acessibilidade. De acordo com Gil (1999), nesse tipo de pesquisa é estimável a prática de entrevistas informais com elementos-chave, por exemplo, especialistas no tema em estudo; líderes formais ou informais; ou personalidades destacadas. Por se enquadrar adequadamente na estratégia desse estudo, decidiu-se que a melhor opção para atingir os objetivos dessa pesquisa de campo seria a seleção da amostragem de forma intencional.

O roteiro de entrevista consistiu na formulação de 8 (oito) perguntas abertas, às quais os entrevistados respondiam com seu próprio vocabulário, sem limite de tempo para as respostas. Porém os gestores não responderão.

Já o roteiro de entrevista dos participantes do evento constitui na formulação de 14 (quatorze) perguntas entre abertas e fechadas, às quais os entrevistados respondiam com seu próprio vocabulário, sem limite de tempo para as respostas. Foram obtidos 390 formulários respondidos pelos frequentadores do evento.

A análise das entrevistas teve uma abordagem qualitativa, o que permitiu a utilização, para a realização dessas entrevistas, da técnica conhecida como —“entrevista em profundidade”, a qual se compreende como:

A técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-los e apresentá-los de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistado ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística (DUARTE *apud* BARROS; DUARTE, 2008, p. 62).

As entrevistas realizadas também foram analisadas pela técnica de análise de conteúdo, com base na afirmação que a — “prática articulada mais comum de pesquisa combina a coleta de dados através de entrevistas individuais” com a técnica para o seu tratamento conhecida como análise de conteúdo (SÁ, 1998, p. 86). Essas técnicas de tratamento dos dados serão explicadas a seguir.

A pesquisa foi desenvolvida, sobretudo, a partir da análise de conteúdo dos documentos mencionados anteriormente com abordagem qualitativa. Ou seja, preocupou-se em analisar e interpretar os dados em seu conteúdo e não de forma numérica. Esta abordagem leva em conta que há um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Os mesmos autores afirmam que a análise qualitativa visa à interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados a eles. É uma abordagem descritiva em que o pesquisador é considerado um elemento chave que tende a analisar os dados indutivamente.

A metodologia qualitativa é capaz de interpretar e atribuir significados ao objeto de pesquisa. Esse método pode ser caracterizado como a tentativa de compreender e descrever detalhadamente os significados e as características do objeto em estudo, permitindo uma análise que será expressa por meio de narrativa. Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa possui cinco características básicas: a) Tem o ambiente como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado

que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Como é um processo indutivo (conforme relata Godoy) entende-se que a própria revisão de literatura possui um caráter indutivo de seleção de autores e temas. Neves (1996, p. 1) aponta que:

Enquanto as pesquisas quantitativas geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objeto de definição operacional), a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo do seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar instrumental estatístico para análise de dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos [...] Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados (NEVES, 1996, p. 1).

Com base em tal afirmação, percebe-se que este é o maior desafio desta pesquisa, ou seja, transpor a subjetividade e a experiência vivida pelos festejos juninos relacionando-os com uma experiência do turismo.

Dencker (2007) aponta que a pesquisa qualitativa pode ser utilizada para preencher lacunas no conhecimento existente. Desta forma, entende-se que essa perspectiva pode ser perfeitamente enquadrada ao estudo sobre os festivais culturais, por se tratar de um tema atual, geralmente observado pelo ponto de vista mercadológico comercial e não da sua significação para o participante e da motivação que o leva a participar deste evento.

O desenvolvimento da pesquisa qualitativa supõe, ainda, um recorte espaço-temporal do objeto de estudo. Esse recorte define o campo e a dimensão em que o trabalho será desenvolvido (POUPART ET AL, 2008). Neste sentido, diante do objeto de estudo, os festejos juninos, o recorte espaço-temporal adotado para busca de informações e análise compreendeu os festejos, do Maior São João do Mundo desde 1983 até os dias atuais, envolvendo o contexto em que estavam inseridos e as mudanças promovidas por eles.

O processo de análise dos dados inicia-se após a sistematização dos elementos coletados. O objetivo dessa análise seria agrupar as informações de

maneira coerente e organizada para que seja possível alcançar os objetivos da pesquisa (DENCKER, 2009).

De acordo com Bardin (1997), a análise de conteúdo enquadra-se numa prática de pesquisa de enfoque crítico e epistemologicamente amparado numa compreensão em que o sujeito é ativo e produz o conhecimento. A finalidade desse método é a dedução de conhecimentos relativos às categorias de produção e de recepção das mensagens, dedução esta que busca indicadores, que podem ser quantitativos ou não.

Richardson (1985) explica que toda comunicação que implica a transferência de significados de um emissor a um receptor pode ser objeto de análise de conteúdo. E por esse motivo ele assegura que a análise de conteúdo pode ser aplicada não somente a documentos escritos, como também a objetos, elementos iconográficos, documentos fotográficos, cinematográficos, entre outros.

Bardin (1997) acrescenta que a análise de conteúdo é frequentemente usada para analisar e investigar materiais qualitativos com o intuito de compreender comunicações ou discursos, aprofundar suas propriedades gramaticais em relação as suas ideias, bem como extrair deles os seus aspectos mais acentuados. Baseia-se numa visão analítica e dinâmica da linguagem. A fim de que a linguagem seja entendida como a manifestação da experiência humana.

Para a execução do método de maneira correta e com segurança, nas três análises que realizamos para esse trabalho seguimos os procedimentos da análise de conteúdo divididos em três fases: primeiramente, a pré-análise dos dados coletados; em seguida, a exploração do material e o tratamento dos resultados; e, por último, a inferência junto com a interpretação (BARDIN, 1997).

A técnica utilizada na pesquisa consistiu na elaboração de um questionário online, *Google docs*, que é um pacote de aplicativos online, pelo qual se pode ter acesso em qualquer computador, permite à criação de documentos, planilhas, apresentações, formulários e desenhos podendo compartilhar e realizar um trabalho sincrônico. Antônio (2010) afirma que:

O *Google Docs* originou-se de dois produtos separados, adquiridos e modificados pelo *Google*: o *Writely*, um processador de textos colaborativo que pode rodar a partir da *web*, e o *Google Labs Spreadsheets*, uma planilha de cálculos também colaborativa e que

pode rodar a partir da *web*. Assim começava a nascer o *Google Docs*, em 2006. Posteriormente foi incluído um gerador de apresentações de *slides* e, mais recentemente ainda, a possibilidade de armazenar e compartilhar todo tipo de arquivo em 1 Gb de espaço de armazenamento gratuito (ANTONIO, 2010).

O instrumento de medição foi dirigido às pessoas frequentadoras da festa denominada Maior São João do Mundo. Localizada em Campina Grande, no estado da Paraíba. .

Deve-se ressaltar que, apesar de inúmeras tentativas da pesquisadora, ao longo de seis meses de trabalho de campo, não foi possível entrevistar gestores/organizadores públicos (Prefeitura, Secretarias, etc) e privado (Aliança Comunicação e Cultura, com sede em Recife – Pernambuco), do Maior São João do Mundo de Campina Grande em virtude de indisponibilidade de agenda dessas pessoas ou desinteresse na discussão do assunto aqui abordado.

Ressalta-se que os dados coletados nas entrevistas foram analisados de maneira a agrupar as respostas semelhantes. Além disso, deu-se destaque a trechos das falas dos entrevistados que mereceram ênfase, tendo como pano de fundo o referencial teórico construído, assim como as informações apreendidas pela análise da pesquisa documental.

Acreditamos que agora – após a introdução ao tema de pesquisa, exposição do objeto, da problematização e dos objetivos que envolvem a presente dissertação, bem como da descrição da estrutura do trabalho, e, nesse primeiro capítulo, com a explicação de todos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desse estudo – podemos adentrar-nos às escritas específicas da pesquisa em si, inicialmente, com a apresentação de sua fundamentação teórica, conteúdo este dos três próximos capítulos.

CAPÍTULO 2 - CULTURA, PATRIMÔNIO E TURISMO

2.1 – CULTURA

A palavra cultura passou por um processo de evolução ao longo dos anos, possuindo vários significados e se transformando (a depender dos fins a que se destina). Nesta pesquisa buscamos a sua compreensão, mais especificamente no campo das ciências sociais. O conceito da palavra “Cultura” vem sendo discutido desde o século XVIII quando o antropólogo britânico *Edward Tylor* (1958, p.29) criou o termo “*Culture*” para se referir a “um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.” De acordo com Laraia (1997), ele buscou sintetizar em uma única palavra todas as expressões que integram os homens em uma comunidade. Para Arantes (1990, p.34) a cultura está em toda parte e é algo que faz parte da vida dos homens:

Em se tratando de vida social, a cultura está em toda parte. Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, das formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é constituído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura”.

Está intrínseco na natureza do ser humano viver em sociedade e, para que esta sociedade se organize, faz-se necessária a criação de regras que se formam baseadas em uma cultura, cultura esta que faz parte da vida de todas as sociedades, desde os primórdios. Tylor (1958 *apud* LARAIA, 1997) também entende a cultura como uma expressão da totalidade da vida social do homem, Cucho (2002) afirma que o homem é essencialmente um ser de cultura, ou seja, a cultura é própria do Homem. Em Campina Grande é possível observarmos essa totalidade da cultura presente em vários bens culturais, podem-se considerar como bens culturais obras arquitetônicas, ou plásticas, ou literárias, ou musicais, conjuntos urbanos e manifestações folclóricas.

Os bens culturais que herdamos do passado e vivenciamos no presente contribuem para a formação da identidade, na formação de grupos, nas categorias

sociais e na preservação da memória, permitindo estabelecer elos entre o pertencimento, a história e as raízes.

Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado ou da comunidade, ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, “uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”. (HOBBSAWM, 1998, p. 22)

Cuche (2002) cita Franz Boas (1940) ao tratar de uma visão particularista da cultura. Para Boas (1940, *apud* CUCHE, 2002) “cada cultura representa uma totalidade singular”, por isso ele se preocupa em não somente descrever os fatos culturais, mas compreendê-los juntamente ao conjunto em que estão ligados. O autor conclui que cada costume particular, para ser explicado, deve estar relacionado ao seu contexto. Assim, torna-se importante estudarmos todo o contexto que envolve os patrimônios de Campina Grande, objetos desta pesquisa, relacionando-os a pensamentos como o de Cuche (2002, p. 71) ao afirmar que “cada cultura forma um sistema cujos elementos são interdependentes, e não se pode estudá-los separadamente”.

Para Geertz (2008, p. 24):

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.

Ou ainda, como diz Cuche (2002), numa compreensão de seu sentido mais vasto, a cultura nos remete aos modos de vida e pensamentos, apesar de existirem ambiguidades. Assim, ao tentar reviver a cultura de uma determinada cidade, um dos desejos é tentar conhecer os modos de vida do outro.

Geertz (2008, p. 10) diz que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”. Ele entende a cultura como algo que deve ser vivenciado em sua essência, definindo o seguinte conceito para sua compreensão:

O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal

amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p.4).

Nesse sentido, podemos afirmar que a cultura é uma ciência criada e recriada pelo homem a todo o momento, necessitando dela para afirmação de sua identidade e preservação de sua história. Geertz (2008) acredita que a cultura constrói a história e reúne fatores indispensáveis para a identidade de um povo. Laraia (1997, *apud* CARNEIRO, OLIVEIRA, CARVALHO, 2010) afirma que “cultura é um conjunto de valores, crenças, costumes, hábitos e fatores históricos materiais e imateriais que permeiam, de forma dinâmica, a vida social”.

Assim, partiu-se destes conceitos para a escolha do objeto de análise desse trabalho, acreditando que as festas religiosas, históricas e tradicionais de Campina Grande, que foram construídas e reconstruídas ao longo dos anos, possuem aspectos importantes e significativos para a cultura e para o turismo da região.

Deve-se partir do princípio de que estudar a cultura não é apenas compreender os seus símbolos, mas todo o contexto que os envolve, como buscou esta pesquisa ao tentar entender todo o contexto histórico e social que envolve o patrimônio imaterial de Campina Grande. Geertz (2008, p. 18), no estudo da cultura, mostra que “os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social”. Já Lévi-Strauss (1950, p. 19) definiu a cultura da seguinte forma:

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano deste sistema colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações desses dois tipos de realidades estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros.

A cultura está presente em todos os lugares e pode se manifestar de diferentes formas, como nas criações plásticas, nas construções, na ciência, no uso das tecnologias, nas crenças, costumes, gastronomia, ritos, entre outros (PRYSTHON, 2006). Nesse contexto, Campina Grande possui diversos bens culturais, expressos em diferentes manifestações materiais e imateriais, frutos de

uma cultura determinada, que contornam a sua identidade e que, consciente ou inconscientemente, fazem parte da vida de todas as pessoas da comunidade.

Contribuindo com o pensamento de Angela Prysthon, Cuche (2002, p. 78) afirma que “cada cultura oferece aos indivíduos um ‘esquema’ inconsciente para todas as atividades da vida”. Por isso, este estudo se propõe a chamar a atenção para algo tão valioso para a identidade do povo de Campina Grande, trazendo à tona, não só para a comunidade, mas também para os órgãos públicos, a preocupação com a preservação da cultura da cidade, especialmente quando relacionada os bens intangíveis, já que, “na medida em que cada cultura exprime um modo único de ser homem, ela tem o direito à estima e à proteção, se estiver ameaçada” (CUCHE, 2002, p. 46).

As manifestações culturais são mantidas por muitos anos e repassadas por gerações. Para Burns (2002) cultura diz respeito à integração entre pessoas que aprendem umas com as outras, como aconteceu em Campina Grande desde a sua fundação. A cidade mantém vivas tradições que foram repassadas de pais para filhos, permitindo que ainda hoje possam ser vivenciadas e comemoradas festividades que são celebradas há anos.

Conclui-se que “a cultura se constitui como tudo aquilo que os homens adquirem no transcurso de sua vida” (CLAVAL, 2005, p. 90). Porém, Balandier (1955, *apud* CUCHE, 2002) atenta para o fato de que a cultura não é uma herança que se transmite imutável de geração em geração, ela é uma produção histórica.

Em Campina Grande, a cultura foi construída ao longo dos seus 154 anos de vida, quando, a partir do local onde foram edificadas as primeiras habitações que deu origem à cidade, o município se desenvolveu e, agregando influências de muitas outras culturas, formou a sua própria identidade. Seus patrimônios possuem relação muito estreita com a cultura. Santos (2006) nos fala sobre a cultura nacional como:

Ela é assim resultado e aspecto de um processo histórico particular; o modo como se dá o processo histórico garante que a cultura nacional assim descrita não seja uma invenção. É uma realidade histórica, resultado de processos seculares de trabalho e produção, de lutas sociais, consequência das formas como a nação se produziu (SANTOS, 2006, p. 72).

Sob esta perspectiva, a cultura pode ser entendida como resultado de um processo histórico e com o passar dos anos um produto social, Lefebvre (1991) diz que é um artigo de consumo, um pouco excepcional: passando por livre, essa atividade consumidora (...) assume ares de festa, o que lhe confere uma espécie de unidade fictícia e, no entanto, socialmente real, embora situada no imaginário.

A cultura, então, pode ser tratada como uma atividade consumidora e intangível, capaz de consumir espaços e trazer nova mobilidade social para os lugares, assim como o turismo, contornando a sua identidade e seu patrimônio, e se fazendo presente na vida das pessoas. Chauí (2008, p. 65) conclui dizendo que a cultura é uma “instituição social, portanto, determinada pelas condições materiais e históricas de sua realização”.

As festas tradicionais e religiosas de Campina Grande são parte integrante da cultura tradicional e popular da cidade. A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reconhecendo a importância da preservação dessa cultura, emitiu um documento com diretrizes para a salvaguarda da cultura tradicional e popular, criando a seguinte definição:

A cultura tradicional e popular é o conjunto de criações, que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem à expectativa da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes. (UNESCO, 1989, p. 02).

Assim, compreender o significado destas festas, que são integrantes da cultura popular, é fator primordial para que sua utilização pela atividade turística seja positiva. Malinowski (1968, *apud* CUCHE, 2002, p. 73) afirma que “não se pode estudar uma cultura analisando-a do exterior e, ainda menos, à distância”. Assim, este trabalho fez uma análise de como as festas, partes integrantes do patrimônio cultural imaterial possuem o poder de ressignificar a cultura, bem como a atratividade destes patrimônios para a comunidade local e para os turistas que visitam a cidade.

2.2 – IDENTIDADE

A identidade cultural pode ser entendida como um conjunto de características comuns pelas quais os grupos sociais se definem como tais. Dessa forma, identidade e diferença são faces da mesma moeda. A identidade é construída socialmente pelos grupos sociais através de diversos processos discursivos. Conforme Haal (1997, p.18),

As sociedades na modernidade tardia são caracterizadas pela diferença; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito – isto é, identidade para os indivíduos. (HAAL, 1997, p.18).

Assim, o processo de construção da identidade cultural regional, que parecia algo dado e fixo, reveste-se de um caráter mutante e móvel, uma vez que a identidade e os processos de identificação são construções sociais e seguem o mesmo itinerário da cultura.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais e regionais, ao produzirem sentidos sobre a “noção” ou a “região”, com as quais podemos nos identificar, constroem identidades. Segundo o pensamento de Hall (1997, p.55) esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a noção, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

Outra estratégia discursiva consiste na invenção da tradição, tal como apontam Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9 e 10):

Tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas (...) de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. A tradição difere dos costumes, porém a eles está associada, pois quando mudam os costumes alteram-se as tradições. A invenção das tradições é um processo de “(...) formalização e ritualização,

caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”.

As invenções das tradições estão relacionadas às transformações rápidas e amplas que ocorrem na sociedade tanto em relação à demanda quanto em relação à oferta. Muitas práticas tradicionais da cultura foram modificadas para atender novos interesses de determinados grupos sociais. Assim, quanto mais a vida social é mediada pelo mercado global de gastos, estilos, lugares, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação, conectados de forma global, mais as identidades tornam-se liberadas – sem vínculo – de tempos, lugares, histórias e tradições.

Existem duas explicações para a origem do termo "festa junina". A primeira admite que surgisse em função das festividades, principalmente religiosas, que ocorriam, e ainda ocorrem, durante o mês de junho. Estas festas eram, e ainda são em homenagem a três santos católicos: São João, São Pedro e Santo Antônio. Outra versão diz que o nome desta festa – “Joanina” - tem origem em países católicos da Europa e, portanto, seriam em homenagem apenas a São João. De acordo com historiadores, esta festividade foi trazida pelos portugueses para o Brasil desde, pelo menos, o século XVII, ainda durante o período colonial (época em que o Brasil foi colonizado e governado por Portugal).

Nessa época, havia uma grande influência de elementos culturais portugueses, chineses, espanhóis e franceses no Brasil. Da França veio à dança marcada, característica típica dos movimentos sequenciais ritmados do corpo, ao som de uma música nobre e que, no Brasil, influenciou muito as quadrilhas típicas. Já a tradição de soltar fogos de artifício veio da China, região de onde teria surgido a manipulação da pólvora para a fabricação de fogos. Da península Ibérica teria vindo à dança de fitas, muito comum em Portugal e na Espanha.

Todos estes elementos culturais foram com o passar do tempo, misturando-se aos aspectos culturais dos brasileiros (indígenas, afro-brasileiros e imigrantes europeus) nas diversas regiões do país, tomando características particulares em cada uma delas.

Embora o “São João” seja comemorado nos quatro cantos do Brasil, na região Nordeste as festas ganham grande expressão. A mídia tem chamado mais atenção ao festejo, há um grande interesse (desperta) das festas juninas na região

Nordeste. Em Campina Grande, na Paraíba, por exemplo, acontece o maior festejo do país.

A festa junina como expressão da identidade cultural nordestina se manifesta em diferentes processos discursivos, se referem à festa junina como a combinação e a articulação dos diferentes elementos que fazem parte dela como uma expressão legítima dos valores da identidade cultural nordestina.

A música e a dança são expressões artísticas, e a sua reprodução enuncia-se da seguinte forma: o forró pé-de-serra, por exemplo, é valorizado e considerado um elemento autêntico da cultura nordestina, porque segue uma tradição de cantores e compositores nordestinos, Luiz Gonzaga¹ e Jackson do Pandeiro², tidos como clássicos do forró. A autenticidade é concebida aqui como aquilo que está enraizado em uma tradição que identifica esse objeto como sendo sempre igual e idêntico a si mesmo.

O evento *Maior São João do Mundo*, realizado em Campina Grande, na Paraíba é um espécie de documento-monumento. As narrativas orais, escritas e virtuais que enveredam pelo discurso da tradição, dos valores regionais, da cultura nordestina e da sua identidade procuram mostrar esse aspecto.

Conforme NÓBREGA (2012; p. 2):

O Maior São João do Mundo é uma festa, mas também uma nova maneira de produzir e circular a cultura, com atividades lúdicas, divisão de trabalho, disputas e conflitos, no campo da política, sociabilidade e economia, múltiplas manifestações que revelam complexos campos de interfaces e transversalidades.

Assim, o Maior São João é exaltado como um evento monumental. A festa é elevada como símbolo máximo da tradição e identidade cultural do Nordeste. Para Bakhtin (1987, p. 70) “a festa é a categoria primeira e indestrutível da civilização

¹ Luiz Gonzaga (1912-1989) foi um músico brasileiro. Sanfoneiro, cantor e compositor, recebeu o título de "Rei do Baião". Foi responsável pela valorização dos ritmos nordestinos, levou o baião, o xote e o xaxado, para todo o país. A música "Asa Branca" feita em parceria com Humberto Teixeira, gravada por Luiz Gonzaga no dia 3 de março de 1947, virou hino do Nordeste brasileiro.

² José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, nasceu em Alagoa Grande, na Paraíba, em 31 de agosto de 1919. Vindo de uma família de artistas populares – a mãe era cantora de pastoril –, sua história reforça a influência da cultura negra na música nordestina. Jackson é considerado um dos maiores ritmistas da história da MPB. Em 54 anos de carreira, foi responsável, ao lado de Luiz Gonzaga, pela popularização nacional de canções nordestinas.

humana,” além de também se manifestar em “formas primordiais” da vida em sociedade, com conteúdo essencial para sempre exprimir uma determinada visão do mundo. A perspectiva do autor evidencia a importância da festa como contexto social e cultural da civilização humana, o que comprovamos no fato de O Maior São João do Mundo ser um dos grandes eventos marcantes para a percepção e publicação dos valores sociais, culturais, políticos, econômicos e turísticos da região Nordeste do Brasil.

No imaginário social, a festa junina possibilita o encontro do nordestino com suas raízes, suas tradições culturais e sua identidade cultural. No dizer de Morin (1986, p. 97), “à prosa e à poesia, vivendo na participação, no amor, no fervor, na comunhão, na exaltação, no rito, na festa, na embriaguez, na dança e no canto, transfigurando a vida prosaica de tarefas obrigatórias e utilitárias”. É nesse embate de forças entre a tradição e a indústria cultural que o hibridismo é formado e os sentidos são construídos.

2.3 – PATRIMÔNIO

A palavra patrimônio tem sua origem no latim *pater* que significa pai. Ela passou a ser usada para se referir aos bens ou riquezas de uma pessoa, de uma família, de uma empresa. De acordo com Oliven (2009, p. 77) “o termo patrimônio, em inglês – *heritage* – refere-se a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido”. A UNESCO estabeleceu, em 1972, que o patrimônio cultural, até então patrimônio histórico, passaria a ser considerado como “o conjunto de edificações separadas ou conectadas, os quais, por sua arquitetura, homogeneidade ou localização na paisagem, sejam de relevância universal do ponto de vista da história, da arte ou das ciências” (BARBOSA, 2001, p. 70).

O patrimônio cultural pode ser entendido como “aquela representação simbólica das identidades dos grupos humanos” (CRUCES, 1998, p. 85). Nesse sentido, a identidade dos indivíduos é construída a partir de sua memória e esta, por sua vez, se constrói ao longo da história, à medida que o homem preserva hábitos, costumes, tradições e construções que, com o passar dos anos, se tornam seus patrimônios.

Ferreira (2006, p. 79) afirma que “o patrimônio pode ser compreendido como esse esforço constante de resguardar o passado no futuro; e para que exista patrimônio é necessário que ele seja reconhecido”, pois, a partir do momento em que a sociedade passa a reconhecer algo como seu, lhe é conferido valor no âmbito das relações sociais e simbólicas. O fato é que todas as cidades possuem patrimônios que refletem a sua identidade, assim como acontece em Campina Grande, para Choay (2006, p. 11) a expressão patrimônio cultural significa:

Um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituídos pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos.

Enfim, tudo aquilo que possui valor simbólico para uma comunidade. Ferreira (2006, p. 79) também afirma que “a palavra patrimônio, bem como memória, compõe um léxico contemporâneo de expressões cuja característica principal é a multiplicidade de sentidos e definições que a elas podem se atribuídos”. Aquilo que se torna patrimônio para um povo mantém uma ligação direta com a sua história e a sua cultura, como acontece em relação aos patrimônios de Campina Grande, além de estes patrimônios participarem também como um bem para o consumo visual.

Pode-se afirmar, de acordo com Barretto (2000, p. 11) que a noção de patrimônio cultural é bastante ampla:

Atualmente, há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos.

Neste sentido, Campina Grande engloba um conjunto de patrimônios culturais, tangíveis e intangíveis, que representam essa luta de classes sociais, expressos tanto por meio das suas manifestações populares, como pela culinária, pelo artesanato, e pelos seus patrimônios materiais, que traduzem a miscigenação da sua construção histórica e que servem como instrumentos para o desenvolvimento do turismo.

Tudo aquilo que possui um significado especial e histórico para uma comunidade pode ser tornar seu patrimônio. Pellegrini Filho (1993, p. 92) observa que o significado de patrimônio cultural é algo muito mais amplo, incluindo-se nele “outros produtos do sentir, do pensar e do agir humano, como peças de valor etnológico, arquivos, coleções bibliográficas, desenhos artístico ou científico, e peças arqueológicas, de um povo ou de uma época”.

Para Fonseca (2009, p. 21):

Patrimônio é tudo que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares, enfim, tudo que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia.

Não se pode limitar a ideia de patrimônio ao conjunto de bens materiais, mas tudo aquilo que é considerado valioso para um determinado grupo, mesmo que não possua valor de mercado. Assim, o Maior São João do Mundo é considerada festa tradicional e histórica de Campina Grande, que possuem o poder de reunir em um único momento outras tradições culturais, como a dança, as gastronomias, as músicas, e os folguedos, ocupando e apropriando-se dos patrimônios materiais e resgatando a memória e a identidade da cidade.

Por muito tempo as políticas públicas brasileiras se concentraram apenas na preservação do patrimônio edificado, especialmente na região Sudeste. Somente após os anos 80 as outras regiões passaram a ser vistas. Em razão da promulgação da Constituição Federal de 1988, que em seus artigos 215 e 216 refere-se às responsabilidades do Poder Público com a colaboração da comunidade na promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro, compreendido como os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN surgiu como um dos primeiros órgãos a promover ações de preservação do patrimônio histórico brasileiro. Para o IPHAN (2007) um dos objetivos da preservação do patrimônio cultural é corroborar a ideia de que os indivíduos pertencem a uma sociedade, contribuindo, assim, para o exercício da cidadania, algo que necessita ser revisto

com a comunidade de Campina Grande, que não consegue reconhecer o valor do seu próprio patrimônio. Fonseca (2009, p. 77) confirma que “é fundamental que se formulem e se implementem políticas que tenham como finalidade enriquecer a relação da sociedade com seus bens culturais, sem que se perca de vista os valores que justificam a preservação”.

Cada local tem seus próprios patrimônios e isso é o que os torna únicos. Ao buscar por novos destinos o viajante faz uma busca em si mesmo, ele quer confirmar a ideia já construída que se tem dos lugares. Assim, Onfray (2009, p. 55) afirma que a viagem tem uma relação muito íntima com o eu, “um dos riscos da viagem consiste em partir para verificar por si mesmo o quanto o país visitado corresponde à ideia que se faz dele”. A viagem não é mais associada a uma conquista de um povo por outro ou mesmo a uma atividade mercantil, mas pelo único e mero objetivo do “prazer” associado a uma noção de engrandecimento pessoal: o turismo.

A preservação dos patrimônios, dos costumes e das tradições de cada povo é muito importante para uma melhor compreensão da sua identidade, assim como nos ensina Hall (2006, p. 47) ao dizer que “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”, logo, os bens e objetos de uma família são instrumentos que refletem a sua identidade, como Gonçalves (1989, p. 267) enfatiza:

Assim como a identidade de um indivíduo ou de uma família pode ser definida pela posse de objetos que foram herdados e que permanecem na família por várias gerações, também a identidade de uma nação pode ser definida pelos seus monumentos – aquele conjunto de bens culturais associados ao passado nacional. Esses bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado, presente e futuro. Em outras palavras, eles garantem a continuidade da nação no tempo.

Para Hall (2006, p. 38) “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Ou seja, a identidade é constantemente construída, dependendo do meio ambiente em que vivemos o que torna possível que a sociedade se identifique com a cultura e a história herdada e procure

preservá-la para as gerações futuras. É muito importante a preservação dos patrimônios culturais não só como forma de conservar o passado, mas como uma maneira de integração comunitária e preservação da cultura, que está em toda a parte na vida em sociedade.

A preservação do bem patrimonial emerge como uma necessidade premente face ao novo momento em que novos valores e referências de existência do indivíduo são construídos em decorrência da sua nova realidade quer seja ela econômica, política, social, ideológica e, sobretudo, tecnológica.

Ainda com relação ao processo de consagração, Costa (2010, p.88) demonstra que o processo de valorização do bem patrimonial ocorre sob a ótica do valor econômico e que se faz presente na medida em que a consagração ocorre numa lógica do capitalismo e para atender aos interesses do mercado:

A cultura é, pois, criação, reflexividade e criatividade que se exerce com a necessária relação com o território, materializando-se de alguma forma, entendida de alguma maneira. Sobre ela, então, materializada ou não no território, se repousa a tendência dialética da construção e da desconstrução dos lugares, da revalorização da paisagem, na sociedade contemporânea permeada pela própria reprodução do dinheiro no território, produzindo o real espetáculo da sociedade (COSTA, 2010, p. 88).

Considera-se aqui a manutenção dos bens materiais e imateriais como primordial para a preservação da história e da memória de qualquer cidade. Assim, surge a necessidade de se investigar como estes patrimônios são entendido-percebidos nos dias de hoje, tanto pela comunidade que os detêm, quanto pelos órgãos governamentais e pelos visitantes que buscam conhecer e vivenciá-los como forma de reconhecimento da identidade e da cultura local.

O interesse pelos bens culturais brasileiros intangíveis vem desde os anos 20, quando o escritor e ilustre representante da cultura brasileira, Mário de Andrade, realizou viagens pelo país em busca de manifestações que representassem o modo de ser, agir e de se comportar do povo brasileiro. Ele seria, então, o pioneiro nos estudos do que viria a ser considerado o “patrimônio cultural imaterial”, além de um dos criadores do órgão governamental responsável pela proteção do patrimônio cultural – IPHAN, em 1937. Tal influência pode ser demonstrada em relatório do IPHAN:

O objetivo da iniciativa foi ampliar o raio de proteção, preservação e valorização dos bens simbólicos de nosso povo – uma ideia que, na verdade, já havia sido sugerida por Mário de Andrade, [...], no contexto do nascimento do Iphan, quando a consciência da preservação da memória nacional começou a se enraizar na sociedade brasileira (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2006, p. 7).

Há muitos anos já vem sendo discutidos os conceitos de patrimônio e a sua classificação em tangível e intangível ou material e imaterial. Como afirma Gonçalves (2009, p. 28), “opondo-se ao chamado ‘patrimônio de pedra e cal’, [...] visa a aspectos da vida social e cultural, dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais”. Veloso (2004, p.31) diz que “a discussão sobre o patrimônio cultural imaterial remete à temática dos valores, enraizados em práticas sociais e práticas discursivas específicas”, ela conclui dizendo que o patrimônio imaterial pode ser compreendido como as representações culturais de um grupo social.

A Constituição Federal da República de 1988, no art. 216, já tratava dessa classificação e, alguns anos depois, na recomendação da UNESCO7 (1993, *apud* ABREU, 2009, p. 83), o patrimônio cultural imaterial ou intangível foi definido como:

O conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e modificadas através de tempo por um processo de recriação coletiva. Integram esta modalidade de patrimônio as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o “saber-fazer” dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais.

O IPHAN definiu os bens culturais de natureza imaterial como àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).

Consideramos que Campina Grande possui ricos patrimônios imateriais que são menosprezados, não somente pelos gestores públicos e privados, mas também pela própria comunidade.

Devem-se reconhecer as especificidades que o patrimônio intangível tem em relação ao tangível. O IPHAN e o Ministério da Cultura já afirmaram que essa distinção se faz necessária ao tratarmos da preservação patrimonial, ressaltando

que não há dúvidas de que as expressões do patrimônio imaterial, apesar de estarem intrinsecamente vinculadas a uma cultura material, não vem sendo reconhecidas oficialmente como patrimônio nacional.

No ano 2000, por meio do Decreto-Lei nº 3.5519 foi instituído o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e, a partir daí, foram registrados os patrimônios imateriais no país, criando-se o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial em quatro livros:

1º – Livro de Registro dos Saberes: com os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

2º – Livro de Registro das Celebrações: com os rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

3º – Livro de Registro das Formas de Expressão: com as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

4º – Livro de Registro dos Lugares: com os mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Gonçalves (2004, p. 4) afirma que “[...] é possível, sim, preservar, por meio do registro e acompanhamento, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários, etc.”. Contudo, o poder público ainda ignora o seu registro, assim como também ignora tantos outros bens intangíveis da cidade, que continuam esquecidos pelos órgãos responsáveis. Fonseca (2009, p. 67) explica que “mesmo quando a iniciativa parte do Estado, esses valores precisam ser aceitos e constantemente reiterados pela sociedade, a partir de critérios que variam no tempo e no espaço”. A autora conclui que, instrumentos legais, como o tombamento, não são suficientes para garantir que um bem cumpra efetivamente o seu papel de patrimônio cultural em uma sociedade (FONSECA, 2009).

Aos registrar estes bens a intenção foi de que eles passassem a ser mais valorizados por todos (organizações públicas, privadas e a própria comunidade), de forma a viabilizar a realização de projetos, parcerias, contribuírem com pesquisas, manter vivas tradições importantes para a história das comunidades, e reconhecer a

vulnerabilidade que estas tradições possuem, pelo fato de estarem frequentemente em mudança.

Laraia (2004) afirma que o lado positivo do registro é justamente o reconhecimento por parte do Estado e a sua valorização como referencia de identidade. Porém, deve-se ter em mente que, embora seja importante o registro governamental, existem outras formas de proteção e manutenção desses patrimônios. Fonseca (2009, p. 67) afirma que a proteção deve ir além:

É necessário que a ação de “proteger” seja precedida pelas ações de “identificar” e “documentar” – bases para a seleção do que deve ser protegido -, seguidas pelas ações de “promover” e “difundir”, que viabilizam a reapropriação simbólica e, em alguns casos, econômica e fundacional dos bens preservados.

Desta forma, todo o conjunto de festas tradicionais e populares, com suas músicas, danças, tradições, culinária e performances específicas fazem parte da cultura e do patrimônio imaterial das localidades, do mesmo modo que as festas dos festejos juninos, que acontecem anualmente em Campina Grande, com todas as suas músicas, encenações, performances e ritos. Para Schechner (*apud* TEIXEIRA, 2011) as performances tem entre suas funções reforçar a identidade social de um grupo social ou de uma sociedade específica. Vianna e Teixeira (2008, p. 2) nos explicam o conceito de desempenho como:

Em sendo um conceito elástico, ele se refere a um sentido relativo ao acontecimento, ao ato deliberado de vivenciar e comunicar, ao aqui e agora das ações humanas, com toda a sua carga expressiva e singular de identidades, o que é, em última instância, o lócus por excelência dessas políticas: o acontecimento do fato cultural.

Por isso, neste trabalho foram escolhidas as celebrações religiosas de Campina Grande que, além de serem partes integrantes do patrimônio cultural imaterial, possuem uma história e uma tradição de grande expressividade para a comunidade, pois, além de serem referências culturais importantes de reafirmação da identidade do povo Campinense, são também potenciais para o desenvolvimento do turismo no município. Assim como afirma Fonseca (2009, p. 72), essas manifestações, com valor de patrimônio cultural, contribuem “para que a inserção,

em novos sistemas, como o mercado de bens culturais e do turismo [...] possa ocorrer sem o comprometimento de sua continuidade histórica”.

Em 2003, foi redigido pela UNESCO um documento com recomendações para a salvaguarda do patrimônio imaterial, indicando como identificar, preservar e disseminar esse tipo de patrimônio. O documento reconhece a profunda interdependência que existe entre o imaterial e o material, fala sobre a influência que os processos de globalização e transformação social criam, aumentando os riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio imaterial e cita também a importância das comunidades (especialmente as indígenas) na disseminação do patrimônio cultural imaterial.

A UNESCO, ao elaborar este documento, observou seu poder de alcance como órgão de proteção patrimonial. Verificou que até o momento não havia nenhum instrumento multilateral de caráter vinculante que garantisse a salvaguarda deste patrimônio. Considerou a necessidade de conscientização das futuras gerações sobre a importância do patrimônio imaterial e citou, também, a relevância dos organismos internacionais em colaborarem neste processo de proteção. Por fim, destacou a vital função que cumpre o patrimônio cultural imaterial na aproximação, no intercâmbio e no entendimento entre os seres humanos. A Convenção da UNESCO (2003) formulou a seguinte definição de patrimônio cultural imaterial:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza, e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 2-3).

Neste sentido, algumas medidas são fundamentais para garantir que as gerações futuras possam vivenciar a experiência que vem contida nos patrimônios imateriais. Assim, a UNESCO (2003) estabeleceu alguns fatores que devem ser observados por parte dos gestores públicos para salvaguardar o patrimônio imaterial. Entre as medidas está a designação ou criação de órgãos para desenvolverem

políticas e programas de planejamento que visem à promoção e à integração do patrimônio imaterial com a sociedade, além de fomentar pesquisas e projetos científicos, técnicos e artísticos que contribuam para uma salvaguarda eficaz do patrimônio imaterial, principalmente daquele que se encontra ameaçado.

O patrimônio imaterial de Campina Grande está presente em várias manifestações como na culinária, na música, nas artes, em suas festas, entre outros. Estes patrimônios podem ser encarados como algo capaz de agregar valores a outros patrimônios, como o centro histórico, o Museu de História e Tecnologia do Algodão e as igrejas históricas, além de oferecerem uma possibilidade de preservação desta parte intangível. Assim, se constituem como objeto de análise desta pesquisa a cidade de Campina Grande e as principais festas históricas, tradicionais, culturais e religiosas do município, sendo a primeira o Maior São João do Mundo.

2.4 – TURISMO

O Turismo moderno como conhecemos hoje, tem seu início no século XIX e vem se modificando com o passar dos anos, tornando-se uma atividade cada vez mais multidisciplinar e dinâmica. Conforme Dias (2002, p. 21), “a palavra turismo deriva do latim *tornus*, substantivo que significa a ação de movimento e retorno, e que dá origem a *tornare*, girar”. Para o teórico, o turismo denota a ideia de ida e volta, nesse sentido o retorno é essencial.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) (2001, p. 38), “o Turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas a lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios e outras”. Há de se ressaltar nessa definição ampla e flexível do órgão oficial mundial algumas características importantes quando se realiza turismo, a saber: os elementos motivadores da viagem (lazer, saúde, cultura, religião, natureza, etc), o tempo máximo de um ano, a delimitação da atividade desenvolvida antes e durante o período de estada e o deslocamento para fora do seu entorno habitual. Para a OMT (2001, p. 38), “o entorno habitual de uma pessoa consiste em certa área que circunda sua residência

mais todos aqueles lugares que visita frequentemente”. A definição de turismo para o MTur é a mesma adotada pela OMT.

Para Barretto (2012), o turismo é movimento de pessoas, é um fenômeno que envolve, antes de tudo, gente. Portanto, para essa autora, a essência do Turismo, na atualidade, acontece quando se estabelecem relações múltiplas entre visitantes e visitados. A sociedade, que antes era sedentária, hoje é movimento (KRIPPENDORF, 2003). Na mesma publicação de Barretto (2012, p. 13) encontra-se uma definição do mexicano Oscar de La Torre para o fenômeno turístico, que se aproxima do objeto de estudo dessa dissertação ao afirmar que:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. (DE LA TORRE, 1992, apud MOESCH, 2004, p. 28).

Ao analisar as definições oficiais e a de De La Torre (1992), pode-se afirmar que existem confluências, ambos afirmam que: há a existência de um movimento físico dos turistas, os turistas se deslocam para fora de seu local de residência, os turistas têm um tempo de permanência no destino limitado, o turismo compreende todas as etapas da viagem (partida, atividades realizadas na estada e retorno), não importa a motivação da viagem. O turismo inclui serviços e produtos criados para a satisfação das necessidades dos turistas.

Considera-se também, neste trabalho, que o Turismo é um sistema (OMT, 2001; Burns, 2002; Beni, 1998), sendo, dessa forma, “um conjunto complexo de inter-relações de diferentes fatores que devem ser considerados conjuntamente sob uma ótica sistemática, ou seja, um conjunto de elementos inter-relacionados que evoluem de forma dinâmica” (OMT, 2001, p. 39).

Dentro das relações estabelecidas no fenômeno turístico estão presentes a demanda, a oferta, o espaço geográfico e os operadores de mercado. A demanda consiste em um conjunto de consumidores ou consumidores em potencial de bens e serviços turísticos; a oferta em um conjunto de produtos, serviços e organizações envolvidas ativamente na experiência turística; o espaço geográfico é o local onde

se estabelecem as relações entre demanda e oferta e; os operadores de mercado compreendem as empresas e organismos que facilitam as inter-relações entre oferta e demanda. São as agências de viagens, companhias aéreas, órgãos públicos e privados que trabalham na organização e promoção do turismo (OMT, 2001).

Não existe uma unanimidade para a definição de turismo (existem quase cem), conforme Barretto (2007). O que se pretende neste estudo é uma aproximação do seu objeto com o fenômeno, a fim de sua melhor compreensão. Van Harsseel *apud* Burns (2002, p. 42) sustenta que essa dificuldade se dá “em parte devido à complexidade da atividade turística e, em parte, porque diferentes interesses estão envolvidos com aspectos diversos da atividade turística”.

A maioria das definições está relacionada apenas do ponto de vista capitalista, em que a atividade turística representa fonte de lucros, não considerando aspectos naturais, sociais e culturais. Considerar o turismo apenas com o enfoque econômico, é correr o risco de o fenômeno ser prejudicial às comunidades onde ele pretende se desenvolver. Afinal, como postula Ansarah (2010, p. 68), “o turismo tem um importante papel no desenvolvimento, na educação e formação social do indivíduo”. Ou, ainda, o que referendam Cerdan e Ramos (2010), ao afirmarem que o produto turístico tem que ser desenvolvido com qualidade para os turistas, porém “é preciso pensar em bem estar e melhoria das condições de vida da população local como um compromisso social, porque há uma relação íntima entre qualidade do produto turístico e qualidade de vida da população” (CERDAN E RAMOS, 2010, p. 13).

Felizmente, o turismo contemporâneo vem trazendo novos enfoques e sendo analisado como prática social. Nessa perspectiva, Moesch (2002) postula que o epicentro do fenômeno social é de caráter humano, pois são os homens que se deslocam, e não as mercadorias.

Para Gastal (2005), o turismo é um fenômeno social, cultural e econômico muito complexo. Ela sustenta que falar em turismo significa fazer referência àquelas pessoas que saem de suas rotinas espaciais e temporais por um período de tempo determinado: o cidadão que sai em férias, os netos que visitam os avós, o executivo que viaja a negócios. Gastal (2007, p. 11) postulou ainda que “o turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em

tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividades”.

Moesch (MOESCH *apud* GASTAL, 2002, p.30) afirma que “o turismo é um fenômeno dinâmico, real postulado no cotidiano de milhões de sujeitos consumidores e produtores”. A autora defende a definição de Turismo como construto, e seu objeto parte do paradigma da complexidade (alicerçada nos estudos de Morin), em que esse fenômeno é compreendido como uma prática social, ou melhor, um campo de práticas histórico sociais, que pressupõem o deslocamento dos sujeitos, em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer. Essa autora infere ainda que:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico (MOESCH, 2000, p. 7).

Assim, o turismo, enquanto prática social pressupõe o sujeito (turista) em harmonia com a comunidade receptora. Essa comunhão deve ser rica em experiência para ambos, de modo que é imperativo que aqueles que viajam devem afetar o mínimo dos espaços percorridos, por outro lado, torna-se fundamental para os que recebem saber acolher, não com subserviência, mas com orgulho e conhecimento de seu papel enquanto morador hospitaleiro (GASTAL e MOESCH, 2007).

O turismo tem uma relação direta com as necessidades de lazer e descanso para recompor as forças de trabalho do ser humano. Segundo Barreto (2003, p. 61), “para que haja o consumo do lazer e de turismo é necessário que as pessoas tenham preenchido em primeiro lugar todas as suas necessidades vitais”, como exemplo: moradia, alimentação, higiene, vestuário mínimo, transporte básico e saúde. Se ainda sobrar recurso, aí sim será distribuído em fundo de reserva –

poupança e no consumo livre do supérfluo, onde o turismo recebe destaque significativo. A autora complementa:

O Turismo pode ser considerado uma necessidade social, quando a pessoa entende que deve viajar para obter determinado status e assim ser estimada pelo grupo. De outra forma, se a pessoa busca no turismo a auto realização como uma atividade que lhe satisfaça e que lhe traga prazer ou autodesenvolvimento por intermédio do conhecimento de novas culturas, o turismo virá por último na escala de necessidades do homem (BARRETO, 2003, p. 62).

Com os avanços tecnológicos e o mundo globalizado, o comportamento do consumidor de turismo vem mudando, dando origem a novas expectativas e motivações de viagens, exigindo dessa forma, que os roteiros turísticos e os prestadores de serviços se adaptem às necessidades, situação pessoal, desejos e preferências dos novos turistas.

Segundo o Manual de Segmentação do Turismo e Mercado (BRASIL, 2010b) elaborado pelo Ministério do Turismo – MTur – foram estruturados segmentos prioritários, como uma estratégia para a estruturação e comercialização de destinos e roteiros turísticos, reconhecendo a necessidade de se conhecer as características e especificidades dos grupos de turistas que já visitam ou visitarão o país e as características dos destinos com seus atrativos, infraestruturas, serviços e produtos.

Turismo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial de Turismo (OMT), é a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado. Viagem turística é a viagem que satisfaz estes critérios e turista é o indivíduo que realiza viagem turística com pernoite. Aquele que não pernoita é chamado de excursionista. Ainda segundo a OMT, as seguintes formas de viagem podem ser distinguidas:

- Turismo receptivo: quando não residentes são recebidos por um país de destino, do ponto de vista desse destino. (Exemplo: Brasileiros visitando a Itália);
- Turismo emissor: quando residentes viajam a outro país, do ponto de vista do país de origem. (Exemplo: Italianos visitando o Brasil);

- Turismo doméstico: quando residentes de dado país viajam dentro dos seus limites, em seu território. (Exemplo: Brasileiros visitando o Brasil).

Esse novo perfil de demanda turística, como já foi dito, está exigindo dos operadores turísticos e dos gestores das áreas receptoras a criação de produtos especializados que permitam ao turista uma vivência mais ativa no lugar visitado, onde seja possível o contato direto com os habitantes da comunidade e o estabelecimento de relações pessoais entre eles. Nesse caso, conforme Fratucci (2002, p. 130 e 131), “o turista deixa de ser o invasor, o intruso, o estranho e passa a ser o outro para o habitante do lugar, enquanto esse passa a ser o outro para o turista” ambos entrando em contato com a diversidade cultural e satisfazendo a busca da troca mútua de experiências.

O turismo, assim, acontece como um fenômeno sociocultural e não apenas como uma atividade econômica, possibilitando a troca de conhecimentos, sensações, desejos, experiências pessoais entre seres humanos distintos, e também, promovendo ao turista o crescimento pessoal e satisfação das expectativas, sonhos e ansiedades que levaram à realização da viagem.

Conforme os estudos na área do Turismo vão aprofundando, surgem novas conceituações, mais complexas, acerca do turismo, como afirma Moesch (2000, p. 134).

O turismo constitui-se num fenômeno sociocultural de valor simbólico aos sujeitos que o praticam. O sujeito turístico consome o turismo, por meio de um processo tribal, da comunhão, de re-ligação, de testemunho, em um espaço e tempo tanto real como virtual, desde que possível de convivência, de presenteísmo. O valor simbólico, perpassado pela comunicação tátil deste fenômeno, reproduz-se, ideologicamente, quando os turistas comungam de sentimentos reproduzidos pela diversão, e quando há a possibilidade de materialização do imaginário, por vezes individual, em *societal*.

Sendo assim, o avanço do fenômeno turístico deve ser visto para além de seu valor economicista, para que não haja um reducionismo da prática epistemológica. Os meios acadêmicos devem investir no saber-fazer para proporem competências adequadas aos que atuam no turismo e assim, livrar-se do empirismo no fazer-saber que empobrece o mercado e que vem pautando as práticas do turismo no Brasil.

Herdeira da cultura nordestina, Campina Grande luta por manter vivo o rico patrimônio representado pelas manifestações culturais e populares dessa região. A quadrilha junina, o pastoril, as danças folclóricas, o artesanato, etc., são alguns exemplos de manifestações da cultura popular que ainda encontram lugar na cidade.

Foto 1 - Maior São João do Mundo de 2017



Fonte: Google. Foto: 2017

Historicamente, Campina Grande teve, e continua tendo, papel destacado como polo disseminador da arte dos mais destacados artistas arraigados na cultura popular nordestina, a exemplo dos "cantadores de viola", "emboladores de coco", poetas populares em geral. Especialmente na música, é inegável a importância desta cidade na divulgação de artistas do quilate de Luiz Gonzaga, Rosil Cavalcante, Jackson do Pandeiro, Zé Calisto, dentre muitos, e até pelo surgimento de outros tantos como Marines, Elba Ramalho, etc.

Eventos como "O Maior São João do Mundo", Festival de Violeiros, "Canta Nordeste", as vaquejadas que se realizam na cidade, além de programações específicas das emissoras de rádio campinenses, contribuem fortemente para a preservação da cultura regional. Campina Grande também é a sede do maior encontro de apologia cristã do mundo, o Encontro para a Consciência Cristã, que reúne milhares de pessoas das mais diversas denominações cristãs durante o carnaval, para debater temas ligados à fé, ética e sociedade. O evento foi incluído

do calendário oficial da cidade em 2007 e no calendário turístico do Estado da Paraíba em 2015.

Maior São João do Mundo, evento que acontece na cidade de Campina Grande é o maior evento do estado da Paraíba, onde durante um mês a festividade no Parque do Povo costuma reunir dois milhões de pessoas. Os festejos tem suas origens na Europa ainda na Idade Média, no próximo capítulo teremos como foi esse surgimento.

CAPÍTULO 3 – UMA BREVE HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA DA FESTA

3.1 - ORIGEM DA FESTA JUNINA

A Festa Junina trata-se de uma celebração brasileira, porém de origem europeia, que durante a Idade Média foi cristianizada como Festa de São João, por se tratar de um evento religioso que exalta os santos católicos de Portugal. Trazida para o Brasil no período colonial, a festa ganhou outras interpretações, desprendendo-se do sentido religioso e assumindo uma ligação maior com a terra e com as origens brasileiras.

Segundo Vitalli (2008, p. 21),

Quando os portugueses iniciaram o empreendimento colonial no Brasil, a partir de 1500, as festas de São João eram o centro das comemorações de junho. Alguns cronistas contam que os jesuítas acendiam fogueiras e tochas em junho, provocando grande atração sobre os indígenas. No Brasil essa época coincidia com a realização dos rituais mais importantes para os povos que aqui viviam 17 referentes à preparação dos novos plantios e às colheitas.

De acordo com Ribeiro (2002, p. 28),

Como o território brasileiro é muito grande, com o passar do tempo às comemorações portuguesas foram agregando variações regionais, apesar de conservarem um núcleo religioso comum de louvor aos santos do mês de junho. Vários novos elementos foram incluídos nas comemorações ao longo dos anos, no entanto, as Festas Juninas continuam sendo as guardiãs da tradição secular de dançar ao redor do fogo. Atualmente, a celebração da fertilidade é representada pelo casório e pelo banquete que o segue e as oferendas deram lugar às simpatias, adivinhações e pedidos de graças que se fazem aos santos.

Na própria Festa Junina podemos observar este impacto na identidade cultural brasileira, quando a dança de quadrilha, típica da França é introduzida no interior do Brasil e as expressões francesas precisaram ser adaptadas para o sotaque "caipirês" para se fazer entender. Não sabemos se o "caipirês" foi

"afrancesado" ou se o Francês foi "caipirizado", o fato é que, de um modo ou de outro, as identidades foram alteradas de modo irreversível.

Lúcia Helena Vitalli Rangel é antropóloga e desenvolveu uma pesquisa pioneira sobre o tema Festa Junina. Em sua pesquisa, Rangel, (2008), aponta que, a tradição da Festa Junina evidencia as crenças e costumes da sociedade; além de expressar a arte e a capacidade cognitiva do povo de descrever através da música, da dança, das brincadeiras e improvisos, toda sua cultura, constituindo-se assim em um símbolo de relevante contribuição social.

Segundo Rangel, (2008, p. 15), "o tema Festas Juninas proporciona um campo fértil de análise do significado desse período tão importante na cultura brasileira". E, de acordo com Vitalli (2008, p. 25),

Hoje as festas juninas possuem cor local. De acordo com a região do país, variam os tipos de dança, indumentária e comida. A tônica é a fogueira, o foguetório, o milho, a pinga, o mastro e as rezas dos santos. Cada comunidade homenageia seus santos preferidos e padroeiros, com destaque para os santos juninos. São festas de arraial que começam no décimo dia depois das novenas e nas quais estão presentes as fogueiras, o foguetório, o mastro, banhos, muita comida e folia.

Conforme Rangel (2008), sua pesquisa remonta desde os tempos coloniais, até os dias atuais, e estes quesitos farão parte deste estudo, em busca do conhecimento sobre a vida social deste povo, bem como das questões políticas, econômicas e culturais que o configuram, e, como tais questões foram afetadas a partir da influência de outras culturas em suas características identitárias.

O antropólogo Laraia, (2001) nos ajuda a entender que estes símbolos que contam a história da Festa Junina, são, na verdade, um sistema criado pela população, a fim de facilitar a interação entre os indivíduos, e, que vão se modificando, conforme a necessidade de reinterpretá-los, para adequá-los a realidade e a necessidade em conviver com as diferenças, frutos da miscigenação.

Laraia, (2001), analisou que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda, que é o resultado do contato de um sistema cultural com outra tese esta que ajuda a compreender as características atribuídas às tradições da Festa Junina, pois, no

Brasil, tivemos contato com distintas culturas que aqui fincaram suas raízes, dando origem a profundas mudanças estruturais. O autor segue sua tese afirmando que “é praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna” (LARAIA, 2001, p.50).

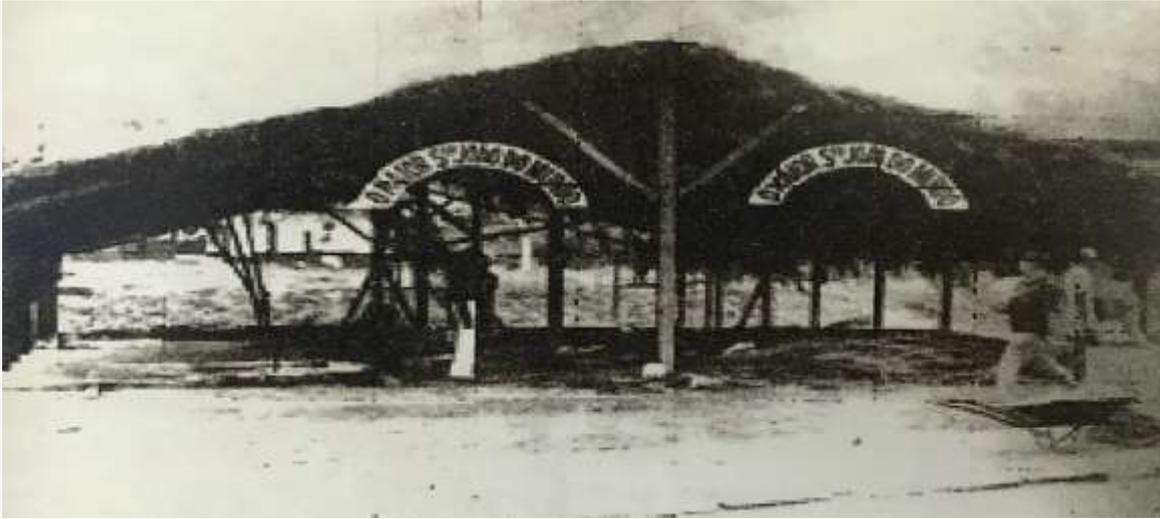
3.2 - MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

Em 2018 o São João de Campina Grande completou 35 anos de existência. Foram 31 dias de festejos e encontros com a cultura popular nordestina. Neste ano, superou o quantitativo dos dois milhões de visitantes e reúne, anualmente, turista de diversas partes do Brasil.

A festa que já nasceu com o nome de “O Maior São João do Mundo” guarda uma história de crescimento rápido. A primeira edição foi em 4 de junho de 1983, na cidade de Campina Grande, no agreste paraibano. De forma improvisada, uma palhoça foi montada na área onde hoje é o Parque do Povo³ (O Parque do Povo é uma verdadeira cidade cenográfica. No arraial, é possível encontrar réplicas da catedral e outras construções históricas da cidade, além das duas palhoças: Seu Vavá e Zé Lagoa. É lá que, embalados pelo forró pé de serra, casais de todas as idades dançam o mais tradicional dos ritmos juninos) para que as pessoas dançassem forró. Em cinco anos, a festa já estava incluída no calendário turístico do Brasil.

³ Situado em Campina Grande – PB, é uma área descoberta com a função de sediar alguns eventos da cidade. É conhecida por sediar a festa junina de Campina Grande desde 1983.

Foto 2: A primeira edição do São João de Campina Grande em 1983.



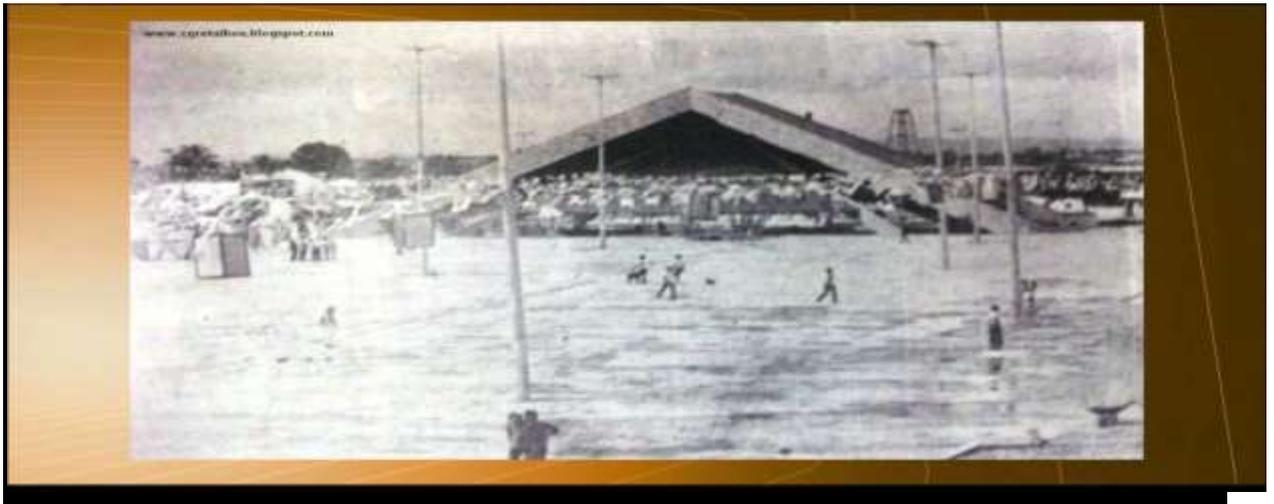
Fonte: Cléa Cordeiro/Memorial do Maior São João do Mundo/Arquivo Pessoal

Em Campina Grande, quem guarda parte da história do São João na cidade é a professora Cléa Cordeiro, diretora do Memorial do Maior São João do Mundo⁴. Ela conta como a cidade comemorava o São João, antes.

“Antes de ter essa festa de São João, a população costumava comemorar a festa junina nos bairros, com as quadrilhas e nos clubes. Eram pelo menos três clubes que tinham essas festas e a cidade contava com 113 quadrilhas juninas. Uma das mais famosas era a Xote Menina”, conta a professora (2018).

⁴ O Memorial do Maior São João do Mundo retrata a evolução da festa e estimula o debate sobre a importância da tradição e valorização da cultura popular nordestina. A história é contada a partir de imagens da construção, inauguração do Parque do Povo, cartazes e jornais, além de roupas e outros adereços que possibilitam ao visitante vivenciar parte da festa.

Foto 3: Parque do Povo é cheio de histórias e cultura



Fonte: Cléa Cordeiro/Memorial do Maior São João do Mundo/Arquivo Pessoal

Em 1983, resolveu centralizar a festa de São João. Onde hoje fica o Parque do Povo, era um grande terreno baldio, que era conhecido como “coqueiros de José Rodrigues”. Segundo os registros históricos, em 1983, a área já havia sido desapropriada pela prefeitura.

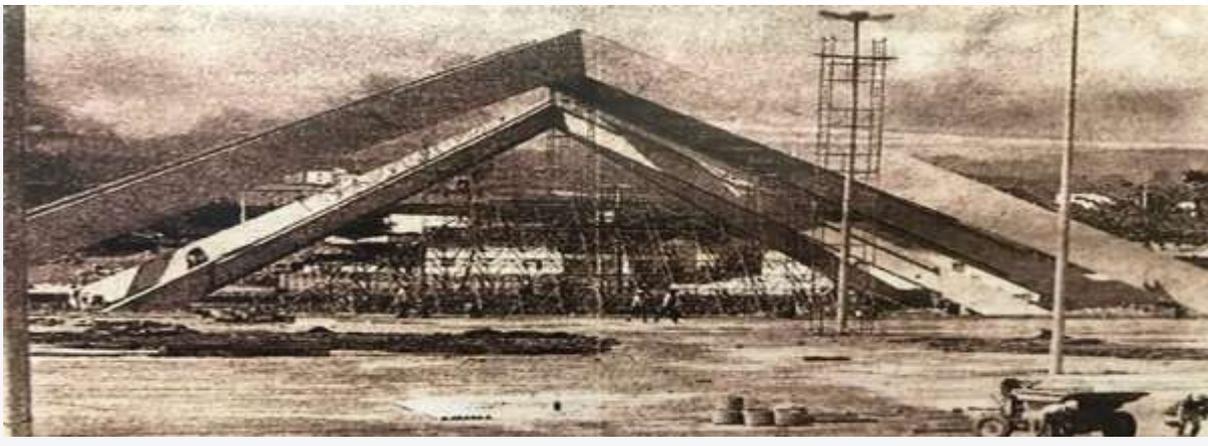
“Era um terreno baldio, sem nada. Então naquele ano, a prefeitura fez uma palhoça e um piso simples de cimento. Na época já tinha um letreiro com o nome “O Maior São João do Mundo”. Foi meio que uma coisa feita em cima da hora. Muitas pessoas ajudaram levando bandeirolas e objetos para ornamentar. Não havia empresa, nem equipes específicas da prefeitura. Era tudo feito pelo povo”, conta Cléa Cordeiro (2018).

No primeiro ano, não há uma confirmação de quantos dias o evento durou, mas a partir do ano seguinte, em 1984, o evento passou a ter duração de 30 dias. Naquele ano, a festa aconteceu do dia 2 de junho ao dia 1º de julho. Além da palhoça⁵, a festa contava com apresentações em cima de um caminhão. Um dos artistas que se apresentou na época foi o cantor Capilé⁶.

⁵ Habitação rústica coberta de palha ou colmo, típica das áreas tropicais, que varia de formato e técnica construtiva conforme a região; palhal, palhar, palheiro.

⁶ Lenilson Costa de Macedo, mais conhecido como Capilé, é um músico, cantor e compositor brasileiro, nascido em Campina Grande (PB). Com quase 30 anos de carreira, Capilé ganhou o Brasil e encanta fãs com seu estilo irreverente e sempre inovador. Suas canções marcaram vários

Foto 4: Pirâmide do Parque do Povo foi construída em 1986 e na verdade seria para representar uma fogueira



Fonte: Cléa Cordeiro/Memorial do Maior São João do Mundo/Arquivo Pessoal

Com o sucesso da festa nos três primeiros anos, em 1986 a prefeitura começou a construir o Parque do Povo. Inicialmente foi construída a “Pirâmide” e pavimentada a parte superior do local, onde hoje fica a área de shows do palco principal.

Um fato curioso sobre a construção do Parque do Povo é que a famosa “Pirâmide” na verdade foi construída para representar uma fogueira e que o local seria chamado de “Forródromo”, em referência ao Sambódromo⁷, em São Paulo. Mas, pelo formato, pouca gente relacionava a obra a uma fogueira e o local ficou conhecido mesmo como a “Pirâmide do Parque do Povo”.

momentos da história de Campina Grande. No ano de 1985, juntamente com Nino, criou a canção "Capital Mundial do Forró" que se tornou o hino do evento mais popular de Campina, o "Maior São João do Mundo". Em 1987 participou da inauguração do *Spazzio*, maior casa de eventos da cidade.

⁷ Construção com arquibancadas e pista de desfile para apresentação de agremiações carnavalescas (p.ex., as escolas de samba, os blocos) durante o carnaval.

Foto 5: Após construção da 'pirâmide' festa passou a ter centenas de barracas com comidas e bebidas

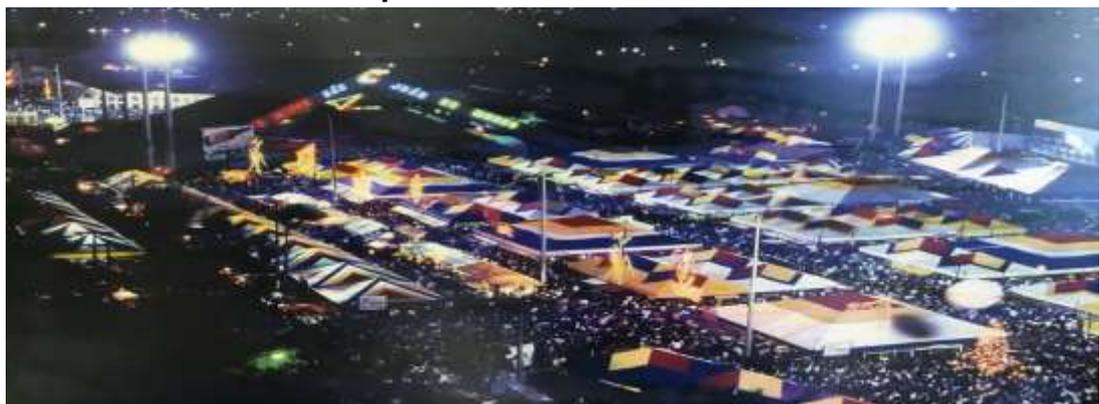


Fonte: Cléa Cordeiro/Memorial do Maior São João do Mundo/Arquivo Pessoal

Ainda em 1986, a festa ganhou uma grande proporção, com um palco para shows e centenas de barracas com bebidas e comidas típicas pelo Parque do Povo.

“Na época não tinham restaurantes. As barracas eram formadas por ambulantes e pessoas que tinham cantinas, barraquinhas de lanche na cidade e aproveitavam a festa para ganhar dinheiro. Lembro que tinha uma senhora que tinha uma cantina na antiga faculdade de administração e que ela tinha uma barraca no Parque do Povo. Então todos os alunos e professores do curso se encontravam lá”, conta a professora.

Foto 6: A partir de 1996 as barracas no Parque do Povo foram padronizadas para o São João



Fonte: Cléa Cordeiro/Memorial do Maior São João do Mundo/Arquivo Pessoal

Com tanta fama e uma grande quantidade de turistas, em 1996 – dez anos após a construção da pirâmide – a prefeitura resolveu padronizar a festa com modelos de barracas. A pirâmide ganhou um grande letreiro luminoso com o *slogan* “O Maior São João do Mundo”.

“Foi uma grande evolução na festa. Até então eram muitas barracas, mas cada um fazia como queria. Então ficava tudo misturado. Em 1996 foi adotado um padrão de montagem, que deixou mais organizada e com uma estética melhor. A foto aérea desse ano foi uma das que mais repercutiu em todo o Brasil, sendo usada em vários cartões-postais”, explicou.

Em cinco anos, o São João de Campina Grande já era uma festa de grande proporção pelo nome e pelo tempo de duração. Por isso, em 1987 o “Maior São João do Mundo” foi incluído no calendário oficial do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). À época, o presidente da EMBRATUR era João Dória Júnior.

Foto 7: Em 1989 o Parque do Povo foi expandido por causa de grande sucesso de público no São João



Fonte: Cléa Cordeiro/Memorial do Maior São João do Mundo/Arquivo Pessoal

Com a divulgação nacional, o número de turistas na festa aumentou e o espaço começou a ficar pequeno para tanta gente. Em 1989, a prefeitura resolveu fazer uma obra de expansão do Parque do Povo, construindo o que hoje é a parte de baixo do local, onde ficam as barracas, palhoças e a cidade cenográfica.

Foto 8: A partir de 1999 estruturas do São João no Parque do Povo passou a ter cidade cenográfica



Fonte: Cléa Cordeiro/Memorial do Maior São João do Mundo/Arquivo Pessoal

Um dos elementos que mais encantam quem passa pelo Parque do Povo, durante o São João é a cidade cenográfica. Ela surgiu em 1999 com réplicas de prédios históricos e templos de Campina Grande.

A cidade cenográfica conta com réplica do *Telegrapho*, *Cassino El Dourado*, Cine Capitólio, a Catedral de Nossa Senhora da Conceição e a representação da Vila Nova da Rainha, onde surgiu a população que deu origem a Campina Grande.

Foto 9: Entre 2000 e 2014 o palco principal do São João de Campina Grande era montado na parte de baixo do Parque do Povo



Fonte: Taiguara Rangel/Arquivo)

A cada ano que passava a festa se tornava maior e atraía ainda mais gente. As gestões da prefeitura todos os anos faziam planejamentos de como aperfeiçoar a festa. No ano 2000 uma mudança marcante foi que o palco principal que ficava na parte de cima do Parque do Povo foi montado na parte de baixo da praça. Por causa disso, a Rua Sebastião Donato foi integrada e, por causa da festa, passava mais de um mês interditada.

“Nessa época em que o palco ficou em baixo, a parte de cima do Parque do Povo ficava com barracas e restaurantes. Como o Parque do Povo tem uma área acidentada, dividida pela pirâmide, nessa época a cidade acabou criando uma espécie de divisão de classes sociais. Muita gente brincava dizendo que a parte superior era para os ricos e a parte de baixo era para os pobres”, explica Cléa.

Mas, em 2014, o palco voltou a ser montado na parte de cima do Parque do Povo. Diferente do formato antes do ano 2000, a parte mais alta do Parque do Povo ficou toda para o palco e camarotes, aumentando a capacidade de público para shows. Apenas algumas barracas foram montadas nas laterais com venda de bebidas e alguns petiscos.

Foto 10: Desde 2017 a organização do São João de Campina Grande adota um formado 360º para o palco principal



Fonte: Kamylla Lima/Arquivo)

A mais recente mudança no Parque do Povo foi o palco no formado de 360º, adotado desde 2017. Em meio às mudanças na área de shows, os camarotes e a área *vip* foram reposicionados. Por questões de segurança e mobilidade, neste ano

a festa também foi isolada, deixando a Rua Sebastião Donato com uma faixa livre e permitindo o tráfego de veículos durante o dia.

Foto 11: Novo palco 360º montado para o São João 2018 de Campina Grande, no Parque do Povo.



Fonte: Emanuel Tadeu/Aliança & Medow Promo

Neste capítulo versou sobre a história do Maior São João, desde de sua criação até os dias atuais. No capítulo seguinte versa sobre a história de Campina Grande - PB

CAPÍTULO 4 – CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE - PB

4.1 - CAMPINA GRANDE

No final do século XVII ocorreram os primeiros povoamentos da localidade. Naquela época, vários moradores começaram a estruturar comércios e indústrias. A localidade foi consolidada e se tornou ponto obrigatório de parada dos tropeiros.

A parte central, a do planalto da Borborema, começou a ser explorada em 1663, como prova a concessão das primeiras sesmarias. A que foi concedida em fevereiro de 1665, pelo Conde de Óbidos, governador geral, com sede na Bahia. [...] O que não padece dúvida é que, desde a chegada à Paraíba, em 1663, não descansou Antônio de Oliveira Ledo no desbravamento dos sertões da capitania, descobrindo terras, domesticando índios, promovendo o povoamento (ALMEIDA, 196, p.19).

Em 1787 com a denominação de Vila Nova da Rainha, mais tarde, subiu à categoria de cidade no dia 11 de outubro de 1864, com o nome de Campina Grande (QUEIROZ, 2008).

Com inauguração da Estação Ferroviária no ano de 1907 pela empresa *Great Westen*, constituiu-se em um marco no desenvolvimento econômico e social da cidade de Campina Grande. A partir desse período, a cidade teve uma maior troca econômica e cultural com diversas cidades, uma delas o Recife, no Círculo do Algodão. O primeiro automóvel da marca *Studebaker* a chegar na cidade de Campina Grande, foi conduzido pelo Dr. Serafico da Nóbrega no dia 13 de abril de 1914. Nessa época as estradas eram péssimas e estavam acostumadas a transporte animal. Nessa década a elite social passou a adquirir automóveis que faziam circulação nas ruas que pouco a pouco foram adaptadas para receber essa novidade. Só na década seguinte, em 1926, o serviço de transporte coletivo de passageiros passou a funcionar.

Não é a 'plantation', porém, a estrutura de produção dessa nova mercadoria; esse vasto algodão é na verdade constituído pela segmentação sem fim de pequenas e isoladas culturas. A rapina internacional encontra terreno propício à constituição de 56 uma

estrutura de produção em que o capitalismo internacional domina a esfera financeira de circulação, deixando a produção entregue aos cuidados de fazendeiros, sitiantes, meeiros, posseiros. Emerge aqui a estrutura fundiária típica do latifúndio: o fundo de acumulação é dado pelas 'culturas de subsistência' do morador; do meeiro, do posseiro, que viabilizam, por esse mecanismo, um baixo custo de reprodução da força de trabalho e, portanto, um baixo valor que é apropriado à escala de circulação internacional de mercadorias, sob a égide das potências imperialistas (OLIVEIRA, 1993, p. 47).

Nas últimas décadas a cidade de Campina Grande ficou reconhecida como uma cidade que está dedicada ao turismo de eventos culturais e religiosos. Tal reconhecimento está ligado às amplas festividades de Nossa Senhora da Conceição no início do século XX, quando o município recebeu visitantes das cidades circunvizinhas. Campina Grande, quase nesse mesmo período, impulsionou o seu carnaval. Era um carnaval de rua que, ao mesmo tempo, fazia parte de famosos bailes nos clubes sociais da cidade. Depois dos anos setenta, o carnaval entrou em pleno declínio e só na década posterior, no ano de 1989 houve a criação de um carnaval fora de época, chamado de Micarande. O auge da Micarande se deu no ano de 1990 quando o estilo axé-music foi impulsionado no cenário fonográfico do Brasil. Este carnaval encerrou as suas festividades no ano de 2008.

Passada a conjuntura que propiciou o desenvolvimento de uma economia mercantil em Campina Grande, o capital internacional em articulação com o capital monopolista da região sudeste utiliza as relações mais atrasadas para absorver, em seu benefício, a riqueza que se tinha gerado. Inicia-se o processo de empobrecimento da região polarizada por Campina Grande e as cidades litorâneas como Recife e João Pessoa, vão cada vez mais, assumindo a função de homogeneizar o espaço de atuação do capital (ARAÚJO, 1985, p. 55).

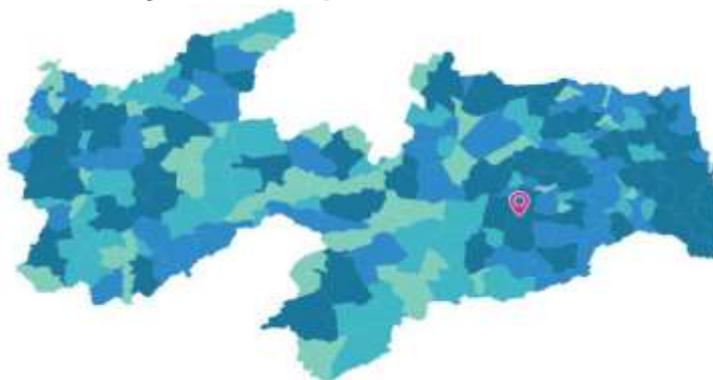
Campina Grande ficou conhecida como uma cidade de grandes eventos, em destaque para o Encontro da Nova Consciência Cristã e da Consciência Cristã, eventos que atraem um grande público. Além destes, a cidade sedia dezenas de outros encontros ligados a outras religiões, como católica, espírita, muçulmana e judaica. Contudo, de todos estes eventos que fazem parte da história da cidade, o mais importante é o São João, mais conhecido como o “Maior São João do Mundo”,

que foi criado em 1986, hoje com mais de 30 anos de história ligada as festividades juninas.

Houve outros eventos culturais com bastante significado para a cidade, como os Festivais de Violeiros, Festival Internacional de Música, Festival de Inverno e os Festivais de Teatro Amador. Somando a esses eventos a cidade também sedia vários eventos ligados às universidades e faculdades do setor público e privado e eventos acadêmicos que ocorrem em diversas épocas do ano.

Segundo o IBGE (2010), a renda do trabalhador formal é de 2,2 salários mínimos. Em relação à população total, a proporção de pessoas ocupadas é de 27,3% (IBGE, 2015). O índice médio de mortalidade infantil na cidade é de 12,71 para 1.000 nascidos vivos (IBGE, 2014). A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) é de 97,6% (IBGE, 2010). O Índice de Desenvolvimento da cidade é de 0,720 (IDHM, 2010). O Produto Interno Bruto (PIB) per capita é de R\$ 19.696,95 (IBGE, 2015). Os setores de serviços e indústria serviços são destaques na economia (IBGE, 2015). Cerca de 84,1% dos domicílios possuem esgotamento sanitário adequado (IBGE, 2010), 82,5% dos domicílios urbanos em vias públicas têm arborização (IBGE, 2010) e uma faixa de 19,4% dos domicílios urbanos em vias públicas contam com urbanização adequada, ou seja, presença de bueiro, caçada, pavimentação e meio-feio (IBGE, 2010).

Foto 12: Localização de Campina Grande no Estado da Paraíba



Fonte: (IBGE, 2018).

A cidade está inserida na microrregião de Campina Grande, pertencente à mesorregião Agreste Paraibano e faz limites ao Norte com os municípios Lagoa Seca, Massaranduba, Pocinhos e Puxinanã, ao Sul com Boqueirão, Caturité, Fagundes e Queimadas, ao Leste com Riachão do Bocamarte, e a Oeste com Boa Vista.

Mapa 1 – Divisão administrativa



Fonte: Google

O município de Campina Grande está localizado no estado da Paraíba, na região oriental do Planalto da Borborema. Fica a cerca de 125 km da capital João Pessoa. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2017), atualmente o município possui cerca de 410.332 habitantes, distribuídos numa área de 593,026 km², resultando numa densidade demográfica de 648,31 hab/ km².

Quadro 1 – Distância entre algumas capitais brasileiras

• 125 km - <u>João Pessoa</u>	• 709 km - <u>Fortaleza</u>
• 181 km - <u>Recife</u>	• 879 km - <u>Salvador</u>
• 260 km - <u>Natal</u>	• 1 530 km - <u>São Luís</u>
• 375 km - <u>Maceió</u>	• 2 378 km - <u>Rio de Janeiro</u>
• 531 km - <u>Aracaju</u>	• 2 700 km - <u>São Paulo</u>
• 2 095 km - <u>Belo Horizonte</u>	• 1 020 km - <u>Teresina</u>

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

A partir da divisão territorial, datada de 2001, o município está constituído de quatro distritos: Campina Grande, Catolé, Galante e São José da Mata. Em Campina Grande existem oficialmente 52 bairros.

Mapa 2 – Bairros de Campina Grande



Fonte: Google

A motivação sócio-participativa da sociedade campinense em relação à festa, principalmente em termos da configuração da territorialidade cultural. Nos bairros de CG durante o Maior São João do Mundo surge uma infinidade de arraiais e quadrilhas improvisadas, famílias fecham as ruas para acenderem suas fogueiras e

se divertirem, de modo a evitar a enorme aglomeração do Parque do Povo. Efervescência que não acontece todos os dias da festa tal qual no perímetro principal das celebrações, mas a espacialidade atrelada à marcante cultura junina pode ser comprovada. Segundo a observação de Maffesoli (1998, p. 27), “o ideal comunitário de bairro ou aldeia age mais por contaminação do imaginário coletivo do que por persuasão de uma razão social”.

Percebemos um quadro social rico em trocas comunicacionais derivadas do meio ambiente, a territorialidade cultural articulada por situações ideais de relações sociais, acentuadamente motivadas pelas festas populares, condições assim definidas por Maffesoli (1998, p. 24): “É por força das circunstâncias, é porque existe proximidade (promiscuidade), é porque existe partilha de um território (seja ele real ou simbólico), que vemos nascer a ideia comunitária e a ética que é seu corolário”.

O mesmo quadro ainda se delineia no estágio de comunidade emocional pensado por Max Weber, ideia atualizada por Maffesoli (1998, p. 18) ao tecer comentários sobre os aspectos de efemeridade das festas. Suas composições mutáveis, adaptações às realidades do lugar, quebra do cotidiano e informalidade, assim como acontece nas celebrações juninas observadas nos bairros de CG, atos que seriam decorrentes da natureza social dos sentimentos. Conforme a proximidade inerente às configurações espaciais dos bairros que exercem uma forte e misteriosa atração e provoca as manifestações de paixões, solidariedades e participação, com crenças e emotividades comuns. Vistas como a procura de companhia “daqueles que pensam e sentem como nós” (MAFFESOLI, 1998, p. 18).

As ideias de Maffesoli apregoam ao bairro o estabelecimento da ética comunitária, agregadora, a abertura proporcionada pelas vivências em mesmos espaços, a “proxemia” que decide por formações culturais e destinos comuns, escolhemos algumas áreas de CG em que a sociabilidade é motivada pelo Maior São João do Mundo. Bairros com maior número de pessoas nas ruas, aqueles em que as casas se enchem com a presença de familiares e amigos, vindos de diferentes pontos da cidade e de outras localidades. Trechos de ruas com significativo número de fogueiras e ambiente festivo com interação entre vizinhos, o quadro possibilitado pela espacialidade dos bairros, inclusive em conotações afetivas, conforme as classificações de Maffesoli (1998, p. 33-34):

Esse “bairro” pode assumir matizes bem diversas. Ele pode ser delimitado por um conjunto de ruas, designar uma área libidinalmente investida (bairro quente, bairro do vício, etc.), fazer referência a um conjunto comercial ou a um ponto modal dos transportes coletivos, isso pouco importa. Na verdade trata-se de um espaço público que conjuga uma certa funcionalidade com uma inegável carga simbólica. Inscrevendo-se profundamente no imaginário coletivo, ele é entretanto, constituído pelo o entrecruzamento de situações de momentos, de espaços e de gente comum, e, por outro lado, no mais das vezes, ele é falado através dos estereótipos mais banais.

Na seleção final de cinco áreas (Liberdade, Bodocongó, Catolé, Jardim Paulistano e Três Irmãs) para análise, pesamos, fundamentalmente, o parâmetro de maior sociabilidade, proximidade e integração entre as pessoas.

Os bairros Jardim Paulistano e Catolé são considerados elitistas. Caracterizados por, diferentemente dos bairros mais antigos ou populares (como Bodoncogó e Liberdade), não contar com pessoas nas ruas, mesmo nas noites festivas do ciclo junino. Com a maioria das residências cercadas por muros altos, cerca elétrica e portão automático para acesso de veículos. Muitas delas em estilo arquitetônico europeu, com tetos inclinados, similares às clássicas construções européias de cidades de clima frio. No mapa, na página seguinte, podemos situar a localização precisa desses bairros, demarcados em vermelho.

CAPÍTULO 5 - RESULTADO DOS DADOS

Os dados obtidos através dos questionários aplicados foram trabalhados pela visão global do objeto pesquisado e do contexto que o circunda, buscando absorver dos documentos e respostas todos os aspectos importantes que contribuíram para a pesquisa, como também para a compreensão do fenômeno.

A partir das respostas obtidas, as informações coletadas através dos questionários respondidos foram categorizadas e codificadas para serem posteriormente passíveis de tabulação. Com isso, foram definidas duas categorias de análise para organizar os dados. A primeira refere-se às perguntas fechadas e a segunda analisa as perguntas abertas e os depoimentos.

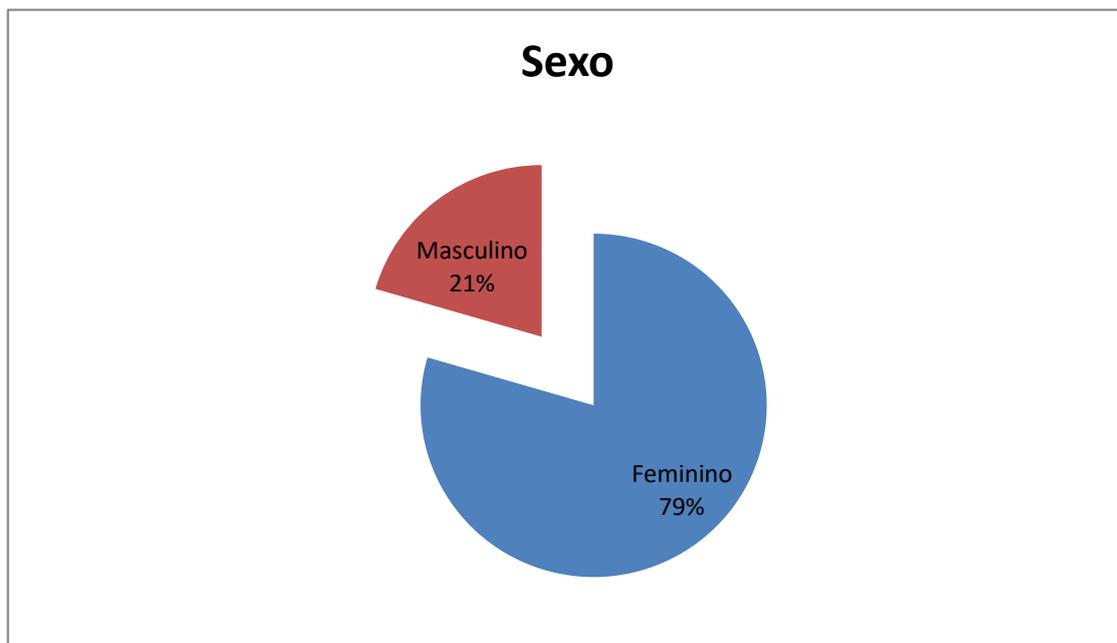
Nas questões fechadas, com a ajuda do programa Excel, foi possível tabular as informações e demonstrá-las em gráficos com porcentagem. O questionário aplicado aos participantes da festa, contou de 14 perguntas entre abertas e fechadas (Apêndice 1).

5.1 Resultado dos Questionários

Pergunta 01 – Sexo

Esses dados contribuiriam para conhecer o gênero dos frequentadores que participam do Maior São João do Mundo. A amostra de gênero mais representativo da pesquisa de campo mostrou que as mulheres participam em maior número na festa 79% contra 21% do sexo masculino.

Gráfico 1 - do gênero



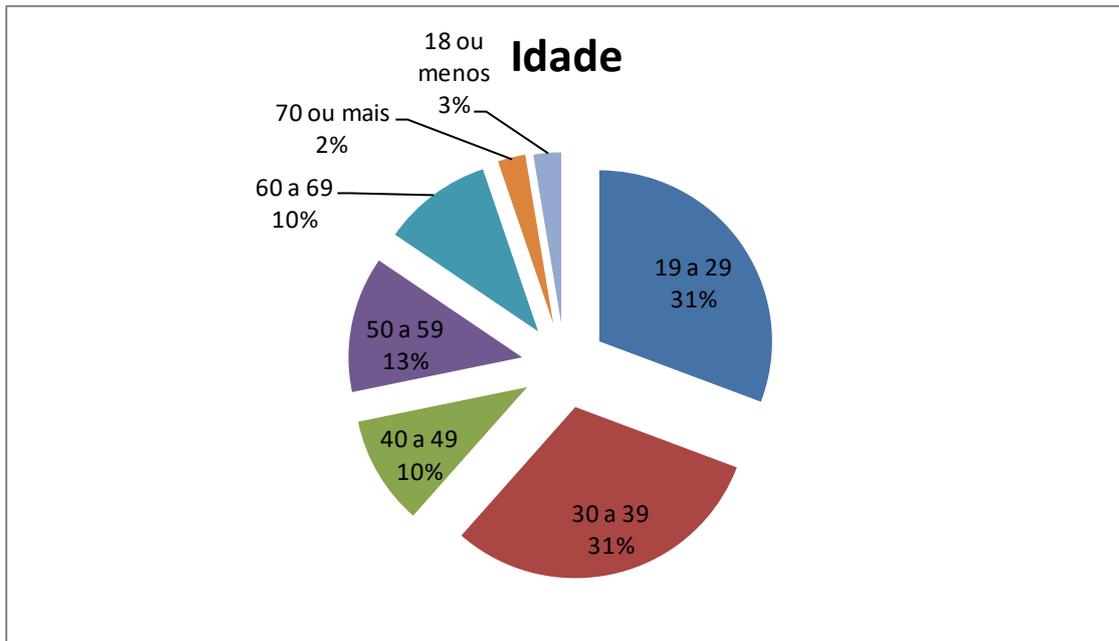
Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 02 – Faixa Etária

Buscou-se conhecer a faixa etária dos frequentadores da festa, para se estabelecer a idade dos frequentadores que participam da festa.

Os resultados da amostra revelam que os frequentadores da faixa etária com maior expressividade foram de com pessoas entre de 19 a 39 (62%), seguidos dos que estão entre 40 a 49 anos e pessoas entre 60 e 69 anos (20%) e em terceiro lugar de 50 a 59 anos (13%). Em quarto lugar estão às pessoas com menos de 18 anos (3%) e por último com 2% ficaram as idades de 70 ou mais.

Gráfico 2 – da faixa etária



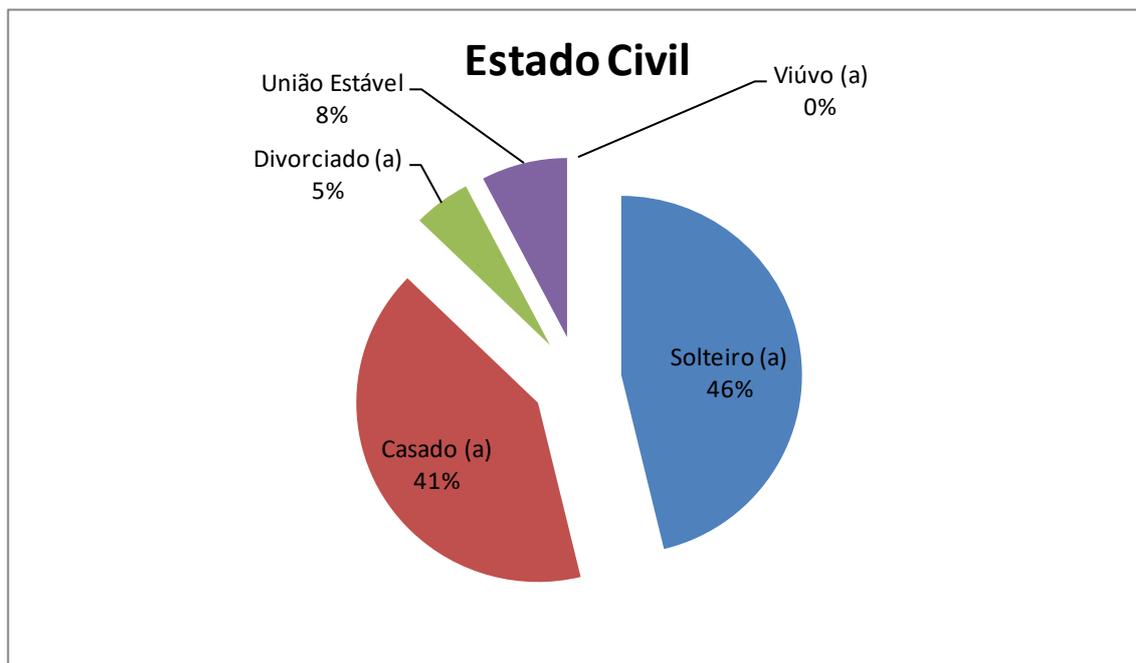
Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 03 – Estado Civil

Buscou-se conhecer o estado civil dos frequentadores da festa, para se estabelecer o estado civil dos frequentadores que participam da festa.

Os resultados da amostra revelam que os frequentadores que mais participam da festa são solteiros (46%), seguidos dos que estão casados (41%) e em terceiro lugar de união estável (8%) e por último com 5% ficaram as divorciadas.

Gráfico 3 – do estado civil

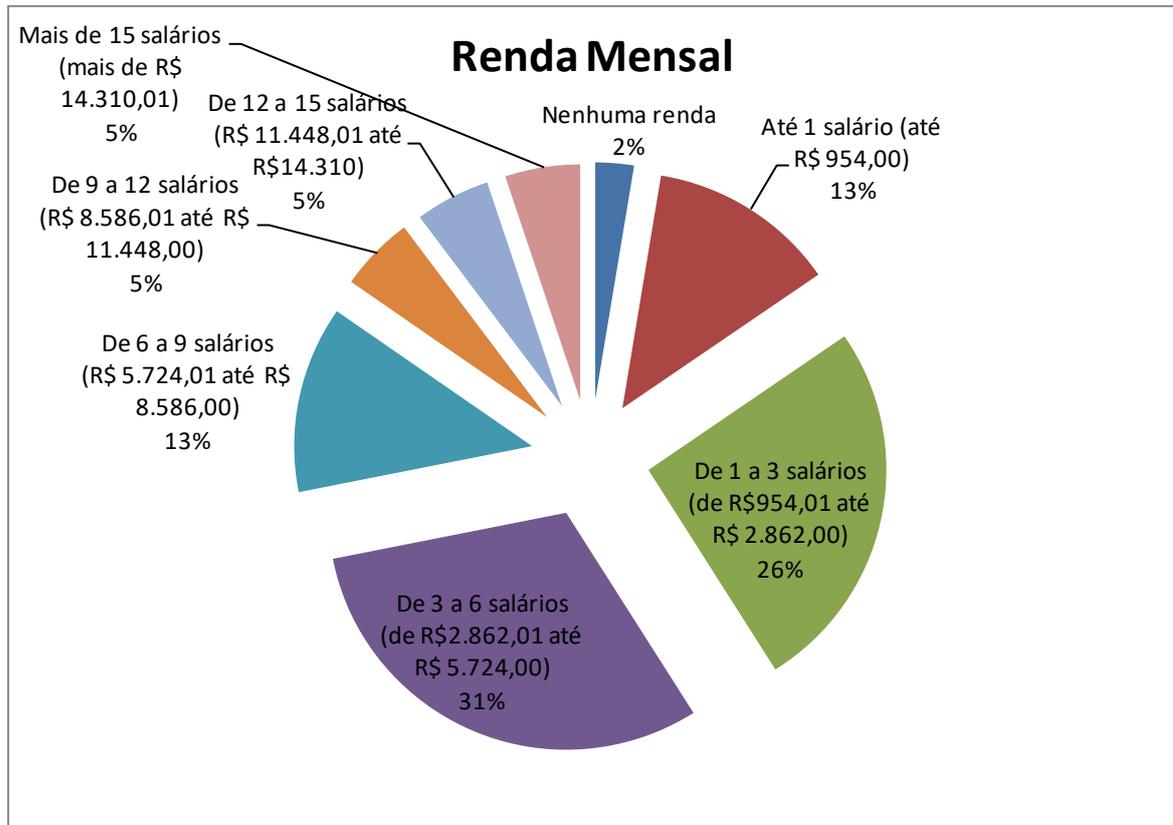


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 04 – Renda mensal

As respostas à questão mostraram que a maioria dos respondentes possui uma renda salarial mediana, de 3 a 6 salários mínimos (31%). Mas o segundo maior número dos respondentes informou que possui uma renda de 1 a 3 salários mínimos (26%), de até 1 salário (13%) e de 6 a 9 salários mínimos (13%). Entretanto, os 3 grupos de maiores rendas representa a 15%, de faixa salarial acima de 9 salários mínimos, correspondem a esse público que possui renda alta. Apenas 2% das pessoas registraram que não possuem salário.

Gráfico 4 – da renda

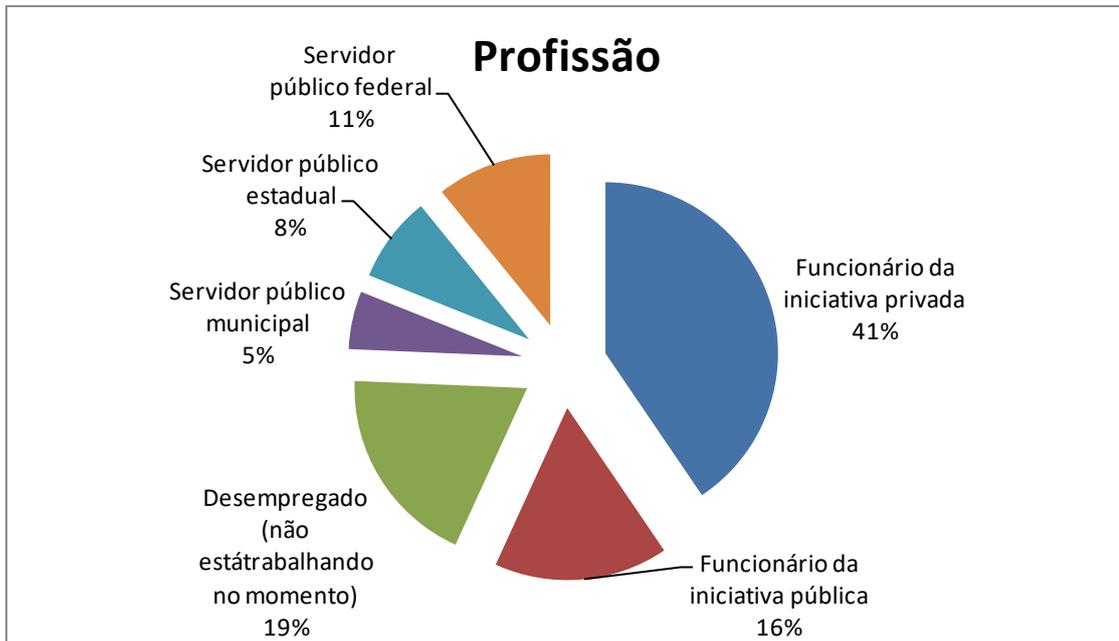


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 05 – Profissão

Conhecer o grau de empregabilidade dos frequentadores que participam da festa, são funcionários da iniciativa privada (41%), são trabalhadores autônomos ou não possui emprego no momento (19%), são funcionários/servidores municipais, estaduais ou federais (40%), conforme o Gráfico a seguir.

Gráfico 5 – da profissão

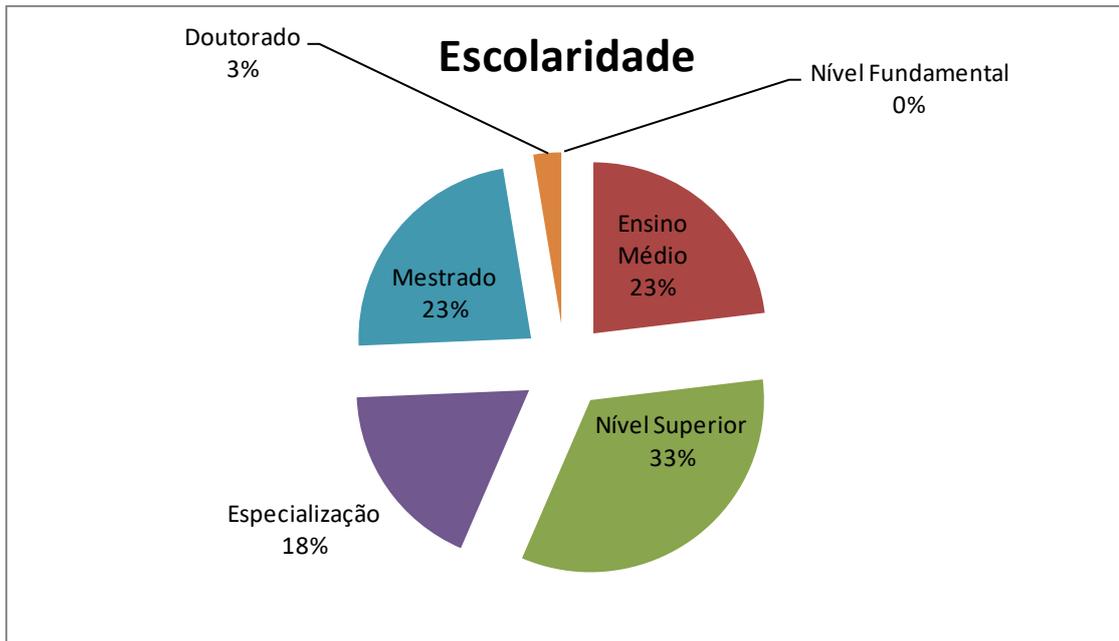


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 06 – Grau de escolaridade

Com relação à pergunta do questionário, os dados apontaram que a maioria possui nível superior (33%), seguido das pessoas que possui especialização *stricto sensu* - mestrado (23%), pessoas o ensino médio (23%), pessoas com especialização *lato sensu* (18%) e por último os doutores (3%). No universo aqui analisado, o padrão de instrução pode ser considerado alto, principalmente quando são agregadas as porcentagens daqueles que possuem Especialização e nível superior.

Gráfico 6 – da escolaridade

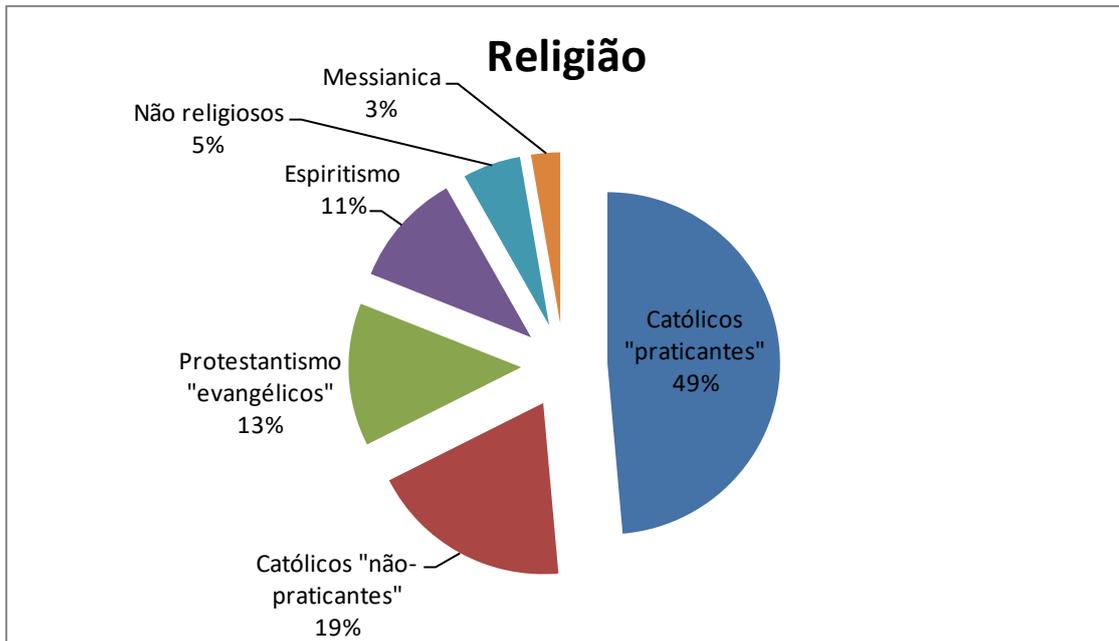


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 07 – Religião

Com relação à religião a maioria dos frequentadores são católicos praticantes (49%), seguidos assim dos católicos não praticante (19%), curioso numa festa considerada de tradições católicas ter uma parcela considerável de protestantes/evangélicos (13%), espíritas (11%)

Gráfico 7 – da religião



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 08 – Cidade/Estado de origem

A maioria das pessoas que foram entrevistadas e que responderam à pesquisa de campo é de Campina Grande/PB. Quanto a esta questão, nota-se que houve alguns turistas respondentes e, dentre eles, a maioria indicou que veio de João Pessoa/PB, Santa Cruz do Capibaribe/PE, Natal/RN, Manaus/AM, Goiânia/GO, Carazinho/RS, Brasília/DF e Alcantil/PB, a Campina Grande para passeio, seguido por aqueles que vieram por outros motivos, como por exemplo, visitar amigos ou parentes. Com isso, nota-se uma participação bem efetiva dos próprios moradores da cidade na pesquisa.

Pergunta 09 – Com que frequência você participa do Maior São João?

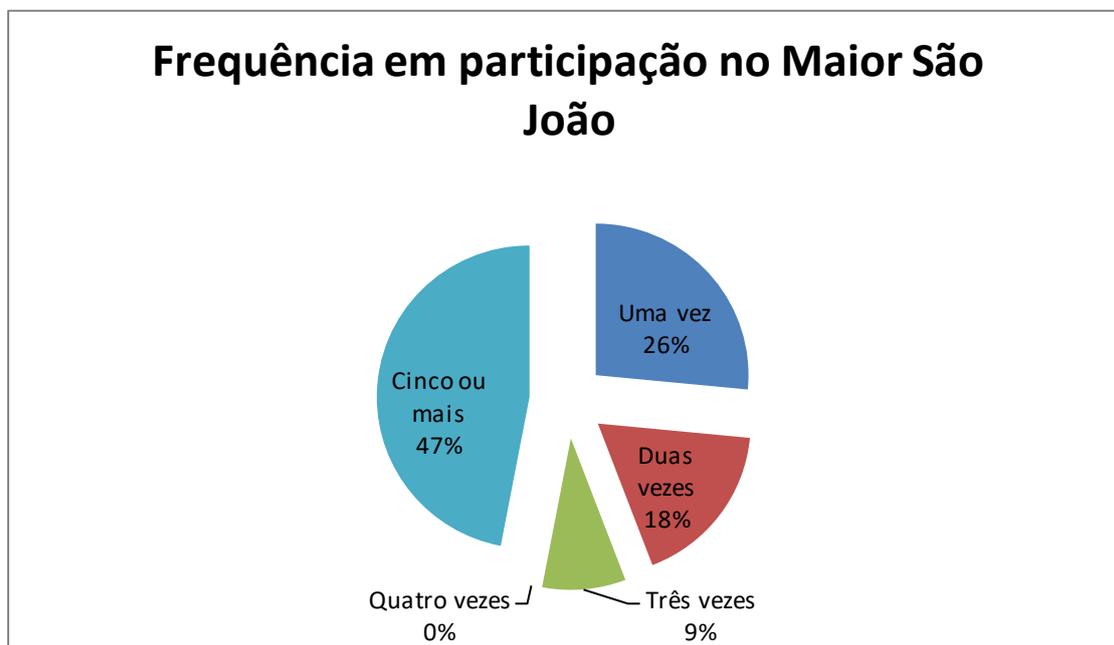
A intenção desse item era saber a quanto tempo as pessoas vêm participando do Maior São João do Mundo.

Os dados obtidos da amostra de frequentadores mostram a participação na festa em edições anteriores.

Obteve-se o maior número de participantes na festa de cinco ou mais vezes (47%), seguidos dos estreantes na festa (26%), duas vezes (18%) e por último três vezes (9%). Dos atuais participantes as pessoas pesquisadas têm participação ativa nas últimas edições do São João.

Este resultado faz sentido quando se observa a evolução da festa no que diz respeito ao número de frequentadores participantes, pois houve uma projeção de sucesso desde o início de sua apresentação. Também é importante esclarecer que o incremento de participantes se deve a dois aspectos específicos: o primeiro é o aumento das apresentações com artistas que estão em evidência no momento – músicas mais tocadas em meios de comunicação - e o segundo é que a cada ano os organizadores da festa vêm procurando inovações sejam elas tecnológicas, estilos musicais em alta (mesmo que esses fujam da temática de São João), e etc.

Gráfico 8 – da frequência

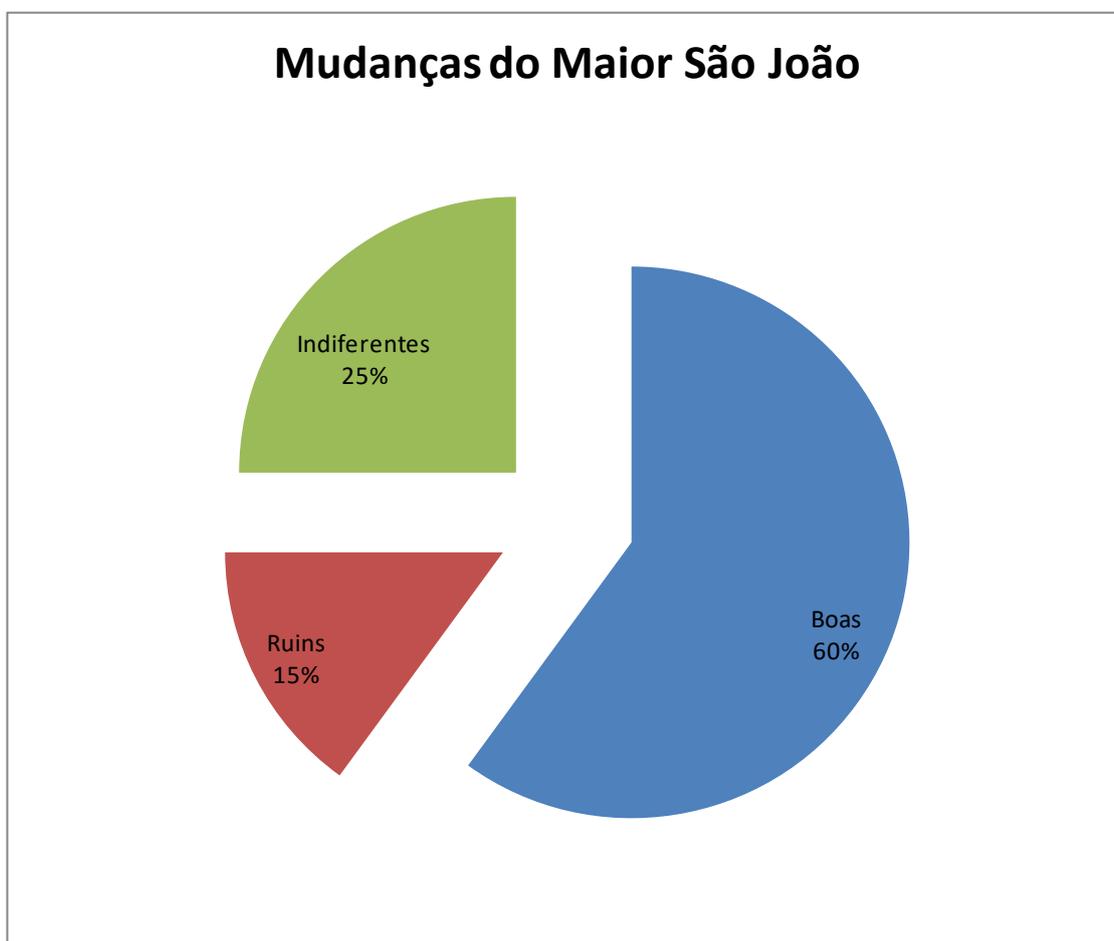


Fonte: Elaborado pela autora (2018)

**Pergunta 10 – Você percebe mudanças nas festas com o passar dos anos?
Quais? Essas mudanças foram boas ou ruins?**

Quanto a esta questão, nota-se que houve alguns frequentadores respondentes e, dentre eles, a maioria indicou que teve mudanças boas (60%), seguido por aqueles que responderam que essas mudanças são indiferentes (25%) e por outros motivos, acharam que teve mudanças ruins (15%).

Gráfico 9 – da mudança



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Observam-se as respostas sobre como a festa era antigamente, confirma-se que começou pequena, com uma palhoça, onde hoje é o Parque do Povo. Antigamente a festa era aberta e tinha mais cantores da região nordeste que tocavam principalmente o forró “pé-de-serra”. A festa em si era mais tradição, por ser

algo mais familiar. Em relação às barracas que são colocadas no São João, antigamente qualquer pessoa tinha autonomia para colocar barraca na festa. A maioria das pessoas respondeu que o quesito que mais teve mudança foi o aumento de shows de grupos e/ou artistas de música sertaneja. A segunda mudança foi a superlotação da festa. A terceira resposta foi a diminuição do número de grupos artísticos locais. A diminuição do número de shows de forró pé-de-serra e a desvalorização da cultura paraibana. A questão da diminuição dos ambulantes: afirmam que o número foi bastante reduzido. Outra questão levantada nas respostas foi à questão que só comem e bebem de quem patrocina a festa, pessoas por não terem condições de pagar por aqueles alimentos.

Quadro comparativo 2 - de mudanças (Várias alternativas poderiam ser escolhidas e tinham opção de incluir novas mudanças.)

Positivas	Negativas
<i>Formato de 360 graus do palco do parque do povo</i>	<i>Parte do palco principal ficou mais apertada</i>
<i>Localização do parque do povo</i>	<i>Adesão ao sertanejo nas atrações principais</i>
<i>Maior investimento em segurança</i>	<i>O número de entradas</i>
<i>A festa tem se tornado um espetáculo</i>	<i>Filas para entrar e/ou consumir produtos à venda</i>
	<i>Colocação das barracas para a parte de dentro</i>
	<i>Horário de encerramento da festa</i>
	<i>A venda das bebidas, que foi proibida a compra de outros fornecedores (venda somente da cerveja patrocinadora da festa)</i>
	<i>Desvalorização do forró pé de serra e músicas dos nossos artistas paraibanos</i>
	<i>Muito comércio com pouca segurança urbana</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 11 – De que modo?

A cultura em si para algumas pessoas não é mais a mesma que antigamente; a festa não tem mais as características que tinha. Percebe-se que houve uma desvalorização da cultura, exclusão de cantores da região, introdução de outros ritmos que não fazem parte do São João (cantores de fora têm muito mais espaço no evento do que cantores locais) que estão entrando na festa, como sertanejo. A seguir podem ser conhecidos apontamentos do público da pesquisa nessa questão da descaracterização da festa. Os recursos financeiros que entram na cidade, a agitação do comércio, a economia, geração de emprego e renda foi o ponto mais ressaltado. Aspectos mais expressivos foi o aumento do número de turistas na cidade. A segurança é o ponto levantado e sobre o qual as pessoas reclamam. O aumento da criminalidade faz as pessoas ficarem com medo das inúmeras situações que já aconteceram na festa, à segurança é um ponto que precisa ser melhorado com urgência.

Quadro de mudanças 3 - (Várias alternativas poderiam ser escolhidas e tinham opção de incluir novas mudanças.)

Boas	Ruins
<i>Foram boas, pois com isso foi possível uma maior abrangência cultural e oportunidades de desenvolvimento.</i>	<i>As mudanças buscam o retorno turístico para as cidades históricas, puderam-se perder as tradições se observarem apenas o retorno financeiro da festividade.</i>
<i>Foram boas porque abre uma grande oportunidade de trabalho para todos os setores, tanto da economia, desde os mais elementares até os maiores escalões de serviços.</i>	<i>Mas hoje em dia vejo muito exposição à violência, riscos a integridade física com uma festa desorganizada, que não vale a pena.</i>
<i>Maior organização</i>	<i>Em organização de estrutura foi bom, mas, para um espaço pequeno, em termos de segurança foi um caos.</i>
<i>Boas no sentido de expandir a</i>	<i>Falta maior valorização do Forró pé de</i>

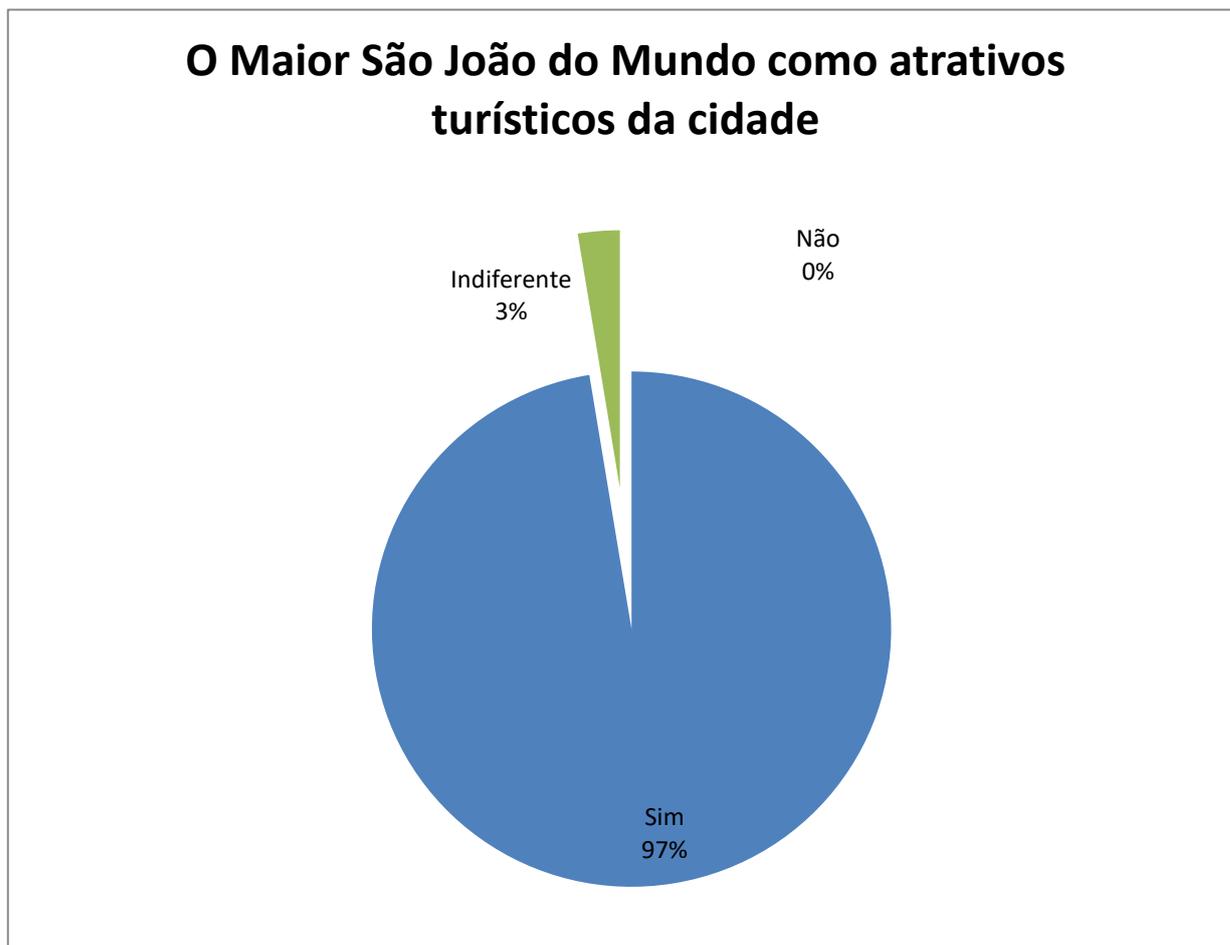
<i>divulgação da cultura local.</i>	<i>serra.</i>
<i>Maior visibilidade do evento</i>	<i>Deve manter a tradição com artistas regionais</i>
<i>As festividades acabam por agregar um público novo ao ambiente e por consequência uma divulgação que afeta positivamente o turismo</i>	
<i>Acho Boa, pois trás benefício para o comércio.</i>	
<i>Bom na privatização pública na segurança gosto musicais. Para todos os públicos</i>	
<i>Aumento do número de público, assim aumentando o faturamento.</i>	
<i>Observo que evoluiu para atrair mais público dando conforto e segurança.</i>	
<i>Estar cada dia mais estruturado e organizado.</i>	
<i>Essas mudanças foram boas, pois a festa de expandiu mais ainda, mesmo colocando atrações que não sejam juninas.</i>	

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 12 – Você acredita que estas festas são atrativos turísticos da cidade?

Com relação à pergunta, a maioria respondeu que acha Campina Grande atrativa para o turista durante as festividades (97%), embora a porcentagem daqueles que afirmaram ser indiferentes que a cidade não é atrativa, tenha ficado muito distante dos que acham.

Gráfico 10 – de atratividade



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 13 – Em sua opinião, em que medida as festas contribuem para a manutenção das tradições da festa?

A visibilidade nacional que a cidade tem por conta da festa, foi um item bem evidenciado. O movimento que a festa faz na economia da cidade foi outro ponto bastante mencionado.

Quadro de opiniões 4 - (Várias alternativas poderiam ser escolhidas e tinham opção de incluir novas mudanças.)

Positivas	Negativas
<i>Com as festas a medida contributiva para a manutenção de tradições é de grau elevado, isso porquê sem elas existe grande chance do povo esquecer das próprias tradições e envolver-se mais com as influências culturais externas.</i>	<i>Os artistas locais sendo atração da festa mesmo não estando no palco principal.</i>
<i>São a representatividade de um povo, se os aspectos históricos forem valorizados, tende a manter-se nossa cultura por varias gerações.</i>	<i>A partir do momento em que os participantes entendem o evento como uma festa tradicional.</i>
<i>Pela tradição dessa festa, ela é tida como o maior exemplo de São João que temos no Nordeste e no Brasil como um todo. Assim, ela resgata o senso das tradições e as mantém com o passar dos anos e das gerações.</i>	<i>Na divulgação da cultura do povo nordestino, no entanto, precisa ser planejado de forma que preserve sua essência. Mas sem dúvidas, atrai turismo, gera trabalho e renda.</i>
<i>Sim porque divulga a festa para o resto do país e para o mundo</i>	<i>Muito pouco! O que há de mais autêntico não é valorizado!</i>
<i>É grande a animação do povo que vai a Campina Grande. É um mês que favorece muito o comércio e o turismo daquela cidade. Quem vai uma vez, não deixa mais de ir. Eu vou sempre que posso e levo comigo os filhos, as notas, o genro e o netinho. São dias maravilhosos e divertidos.</i>	<i>Contribuição bastante, porém com essa descaracterização do verdadeiro forró fica difícil nos voltarmos!</i>
<i>Não existe São João sem tradição</i>	<i>Não sei dizer se mantem as tradições, mas</i>

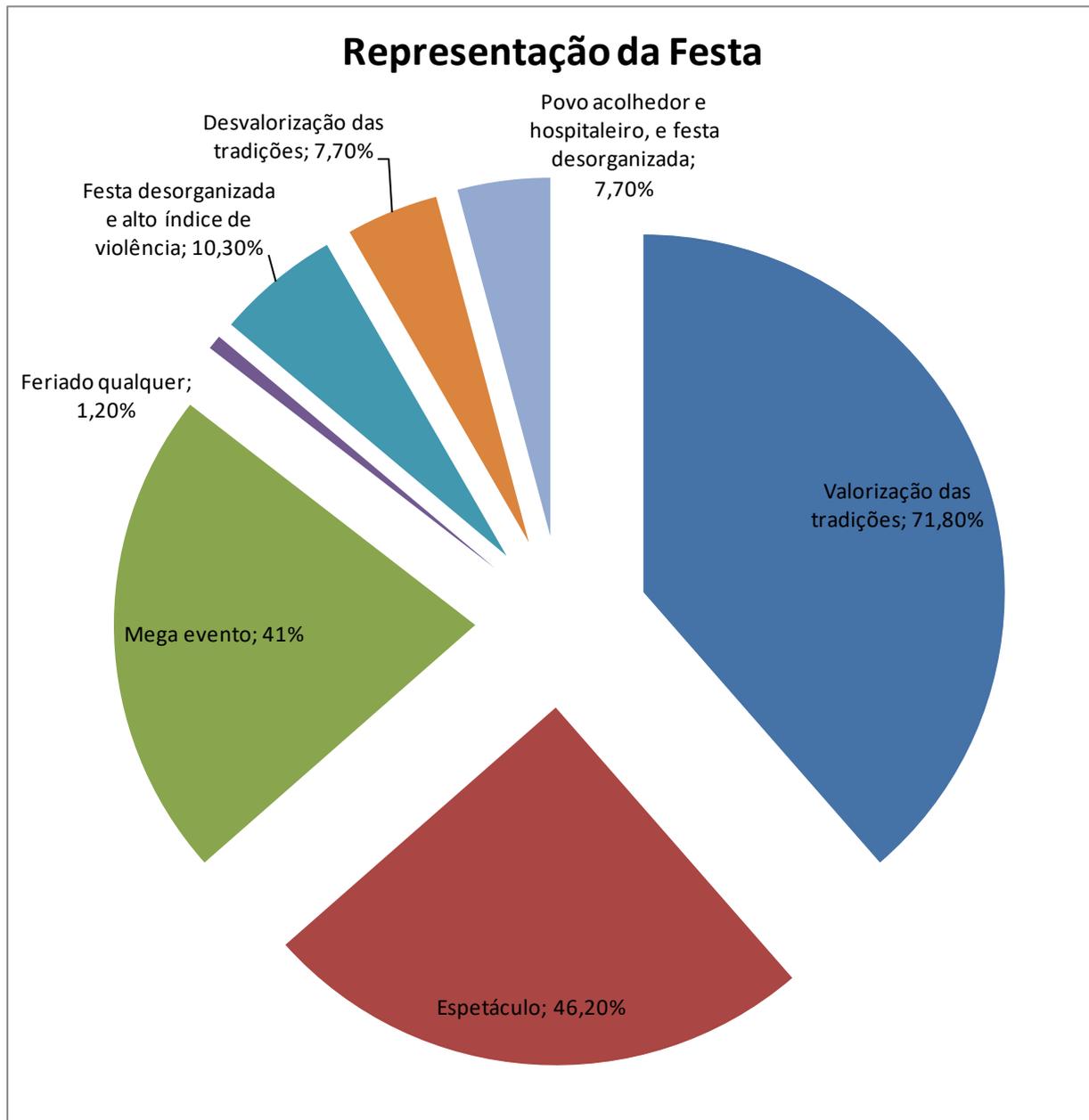
	<p><i>certamente contribui para a valorização da cultura local, do forró, da reunião da família nesse período. Mas também pude presenciar que é uma cultura que vem se atualizando, sofrendo influência da "modernidade". Isso é visível nos diversos ritmos e nas apresentações espetaculares das quadrilhas. Senti falta da comida típica de barraquinhas: quentão, milho assado, canjica... no Parque do Povo</i></p>
<p><i>Por agregar valor à cultura e a motivação das pessoas em conhecer pela fama adquirida</i></p>	<p><i>Mesmo que afetadas a festa sempre traz raízes nordestinas.</i></p>
<p><i>O São João tem um público fiel e esse público é o principal responsável por manter viva a tradição.</i></p>	<p><i>De forma alguma, pois o tradicional está se perdendo em meio ao comércio.</i></p>
<p><i>A festa atrai turista e alcança muitas pessoas, levando a cultura nordestina para além da região.</i></p>	
<p><i>Completamente, principalmente pelo apelo ao título de maior do mundo e a participação da comunidade que vi tendo acesso a festa todos os dias.</i></p>	
<p><i>A questão da valorização do autêntico forró, com artistas como Flávio José, o Santanna. Os palcos com forró pé de serra. Os festivais de quadrilhas, as comidas típicas. Enfim é o conjunto.</i></p>	
<p><i>Um dos fatos que contribui para a manutenção são as atrações de forró, as quadrilhas, as comidas típicas, o</i></p>	

<i>artesanato as ilhas de forró.</i>	
<i>É uma festa que é do tipo “obrigatório” ter em todo São João, já virou típico da cidade de Campina Grande ter todos os anos essa grande festa. Realmente uma grande tradição!</i>	

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Pergunta 14 – O que esta festa representa para você? (Várias alternativas poderiam ser escolhidas e tinham opção de incluir novas mudanças.)

Gráfico 11 – de representação



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

5.2 - Discussão dos Resultados

Por modernidade nos referimos a toda uma evolução na forma da festa de São João se manifestar junto ao público participante, principalmente aos mais jovens (pergunta 2), solteiros (pergunta 3) e as mulheres (pergunta 1), que vem se seduzindo pelos novos ares de espetáculo que o festejo junino vem assumindo. Tal modernidade também pode ser percebida pelos novos símbolos que foram introduzidos na festa ao logo dos anos, tais como: o forró eletrônico, a variedade de comidas de diversas regiões, o novo formato das quadrilhas, a forma de montagem e decoração das barracas, a interação dos frequentadores com as ações de *merchandising* dos patrocinadores com as marcas exclusivas, ou seja, toda uma nova concepção de se fazer uma festa junina que dão hoje então *status* de modernidade.

Durante o período do São João, a cidade de Campina Grande sofre com um fenômeno ocasionado pela realização do evento. Fica evidenciado que os preços praticados por diversos estabelecimentos sofrem um significativo aumento em relação aos preços praticados fora do período junino. Este fato ocorre principalmente com os estabelecimentos que estão ligados diretamente ao evento, tais como: hotéis, companhias aéreas, bares e restaurantes instalados no Parque do Povo, etc.

Por um lado, existe uma crítica por este fato se configurar como abusivo, já por outro lado, alega-se que este fato se dá pela lei de mercado. Diante de uma perspectiva da tradição, podemos considerar o São João como sendo explorador.

Logo, por explorador queremos dizer que existem práticas realizadas por alguns agentes inseridos no festejo para se beneficiar do momento propício do evento, visando auferir lucros exacerbados à custa do turismo, sendo o morador da cidade o mais prejudicado por constatar com mais propriedade o aumento nos preços.

Entretanto, numa perspectiva moderna e com base nos empresários que investem no evento, o São João se apresenta como valoroso. Por valoroso, queremos dizer que existe todo um investimento feito pelos empresários da cidade para que seja montada a estrutura de bares, restaurantes, e diversos serviços aos turistas e moradores, que requer um repasse nos preços junto ao consumidor final para que o investimento seja benéfico e traga retorno ao empresário.

Como aconteceram com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo, trazidos pela Igreja Católica (pergunta 7) ao Novo Mundo (CARNEIRO, 1982).

O São João de Campina Grande dá uma visibilidade significativa à cidade que recebe no período junino milhares de turistas (pergunta 8) a fim de conhecer o festejo, favorecendo diversos aspectos, como oportunidades de negócios para vários agentes locais inseridos no festejo e tornando Campina Grande ainda mais conhecida no cenário de eventos. Ao mesmo tempo, a cidade passa por uma série de problemas ocasionados pela realização da festa. Para os que defendem o aspecto da tradição, o São João torna-se incômodo para diversos agentes. Por incômodo nos referimos aos transtornos que são ocasionados aos moradores e aos frequentadores por ocasião da existência do evento, uma vez que nitidamente o trânsito fica mais congestionado, os preços praticados pelo comércio se tornam mais elevados, a violência fica mais evidente, etc.

O transtorno gerado tanto aos moradores quanto aos visitantes que necessitam do serviço de táxi da cidade, que não atende a demanda de usuários no período. Da mesma forma com a rede hoteleira, que embora atenda satisfatoriamente nos demais períodos do ano, no São João não atende plenamente a quantidade de turistas que visitam a cidade.

O São João em Campina Grande vem tentando manter uma programação mais voltada ao estilo tradicional, tanto no quesito musical quanto na gastronomia, tentando manter viva a lembrança do São João tradição. Contudo, ao mesmo tempo, vem perdendo espaço para os festejos de outras cidades que estão inserindo em suas programações bandas de renome e conhecidas pelo grande público, consideradas modernas, inclusive de estilos musicais inusitados para o período junino, como sertanejo e axé.

Para os que defendem a tradição, o São João pode ser considerado memorial. Por memorial queremos dizer que existem ações tomadas por parte dos organizadores do São João de Campina Grande no intuito de não se deixar perder os elementos históricos e tradicionais do São João.

Ao percebe um esforço por parte da prefeitura em resgatar vários quesitos do São João que estavam sendo desvalorizados. Entretanto, podemos inferir diante do

discurso que a desvalorização estava ocorrendo pelo fato do São João ter ficado “antiquado. Para os que defendem a modernidade, o São João se apresenta como antiquado. Por antiquado queremos dizer que a busca pela manutenção das raízes nordestinas em detrimento a inserção de novos elementos tornam o evento ultrapassado aos olhos de alguns agentes.

O que houve dificuldade da prefeitura em inserir no *mix* de gastronomia do Parque do Povo a comida de milho, que é considerada um dos símbolos do São João, mas que vêm perdendo espaço para outros tipos de comidas consideradas mais sofisticadas ou mais atrativas aos olhos do mercado.

O aspecto tradicional da festa, dando ênfase que a modernidade torna-se mais atrativa no sentido de trazer mais pessoas ao espetáculo da festa, mas ao mesmo tempo, o entrevistado afirma que “a tradição é preciso manter”, resgatando o conceito de “memorial” que valoriza a tradição.

No início dos festejos juninos na cidade de Campina Grande a característica marcante era a simplicidade com que as famílias comemoravam o ciclo junino. Ainda hoje o São João tem atraído moradores e visitantes devido ao caráter despretensioso de “espetáculo”, e sim por ser um festejo de essência naturalista, por conta do ciclo da colheita do milho e da tradição da comemoração em família. Além do mais, alguns enxergam elementos que denotam ingenuidade e inocência na forma de perceber o evento. Numa perspectiva tradicional, o São João é visto como singelo. Por singelo queremos dizer que o São João apresenta traços de pureza, de resgate às suas origens, de desprovemento ao “espetáculo”, dando ênfase à sua manifestação no ambiente familiar.

A noção do singelo ao atribuir que os visitantes vêm festejar o São João pelo caráter histórico da festa, pela simbologia que é resgatada da confraternização familiar, do período chuvoso, ou seja, esse tipo de visitante não vem somente pelo caráter espetaculoso da festa. Embora ao dizer que “eles não só vêm pela festa” nos dê a noção de que a festa também desperta o interesse nos visitantes, fazendo um resgate histórico dos motivos da comemoração do São João e reforçando o caráter natural e familiar da festa em detrimento ao caráter mercadológico da festa. Já numa perspectiva da modernidade, o São João é considerado simplório. Por simplório nos

referimos à ingenuidade que pode ser percebida em alguns elementos inseridos no contexto do evento, não remetendo a características próprias de um grande evento.

O São João de Campina Grande, por se apresentar como um produto turístico de grandes proporções necessita apresentar inovações contínuas para que possa se destacar no mercado de megaeventos e atrair novos turistas e frequentadores. Porém, numa tentativa de se “inovar por inovar”, o São João vem “inovando” cada vez mais. Por sua vez, o São João vem hoje resgatando alguns elementos considerados tradicionais e históricos, em decorrência da ausência da referida inovação, do moderno. Numa perspectiva tradicional, o São João aparece como autêntico. Por autêntico nos referimos ao São João antigo, que continha suas bases no conagraçamento da família em torno do ciclo junino, uma vez que o São João possui suas origens no ciclo da colheita do milho, onde as famílias se reuniam para agradecer pelo período de chuva e da fartura do milho, além de remeter à religiosidade da festa, que tem em Santo Antônio, São Pedro e São João, os símbolos no aspecto religioso.

Por outro lado, dentro de uma perspectiva da modernidade, o São João se apresenta como estagnado. Por estagnado queremos dizer que a festa não tem conseguido inserir tantos elementos inovadores, que façam com que a festa ganhe ainda mais contornos de megaevento. É nítida a noção de que o São João precisa se reinventar, ou seja, inserir inovações para que faça valer seus ares de modernidade, dando a entender que hoje o São João não vem se renovando, sendo isto um problema e um desafio, pois o mesmo se configura estagnado diante da óptica dos megaeventos.

O São João de Campina Grande é organizado pela prefeitura municipal, por meio de uma parceria público-privada, que é responsável pela montagem da estrutura física do evento, da sua programação, decoração, divulgação, enfim, uma série de atividades que façam o evento acontecer em sua plenitude. Diante disto, há uma interação muito forte com os patrocinadores do evento, que querem ter sua marca associada a um evento reconhecido nacionalmente, e com os comerciantes que instalam seus estabelecimentos no Parque do Povo. Há ainda uma forte preocupação em não perder a essência do festejo junino, ou seja, a tradição, visto que a tradição é uma das bandeiras da festa.

No discurso da tradição, o São João pode ser considerado artesanal. Por artesanal queremos dizer que o evento é fruto de um trabalho que, embora não seja amador, preserva a tradição, resgata as raízes nordestinas.

Demonstra uma conscientização por parte da prefeitura de que o tradicional, o cultural, é a base para que o São João continue cada vez mais fortalecido como festa popular. O estímulo para que as quadrilhas e grupos folclóricos exerçam suas atividades durante todo o ano denota certo amadurecimento do órgão público, nos fazendo inferir também que o evento se configura como “profissional”. No sentido da modernidade, o São João pode ser considerado profissional. Por profissional queremos dizer que o São João vem sendo gerido pelo governo municipal de forma a cada vez mais se apropriar do evento como produto turístico e diante disso, “vender” o evento aos olhos dos turistas e investidores (patrocinadores), estabelecendo regras de conduta para os agentes envolvidos com o festejo.

Ao longo dos anos, a festa de São João de Campina Grande vem incorporando à sua estrutura novos elementos que vem sendo agregados ao evento, seja numa melhor estrutura física, sejam num melhor atendimento ao turista que visita a cidade, seja em novas opções musicais e gastronômicas. A inserção de traços de modernidade ao evento vem ficando mais evidente e menos agressivo aos olhos dos frequentadores. Para os que defendem o tradicionalismo, o São João se configura como permissivo. Por permissivo queremos dizer que o São João permite que traços de modernidade se incorporem aos elementos considerados tradicionais, gerando um ambiente de tolerância e consentimento, tornando-o flexível e aberto a novas experiências, uma vez que foge aos elementos culturais considerados tradicionais, tais como: comida de milho, forró pé-de-serra, roupas caipiras, etc.

Percebemos, através dos resultados que será apresentados posteriormente, como o São João de Campina Grande é caracterizado pela coexistência do antigo e do novo, ou seja, do tradicional e do moderno, conforme demonstrado nas dimensões de perguntas abaixo que foram compostas por 14 categorias de perguntas que foram identificadas durante a análise dos dados, evidenciando o jogo de diferenças que compõem a identidade do festejo junino de Campina Grande.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações levantadas nessa dissertação, por meio das pesquisas desenvolvidas e da análise do estudo de caso sobre o Maior São João do Mundo em Campina Grande na Paraíba, são apresentadas neste capítulo, algumas considerações e contribuições sobre o tema estudado.

Todas as cidades possuem uma história e uma cultura que definem a sua identidade e as suas tradições. Essa cultura tem o poder de unir as pessoas de uma comunidade e atrair povos de outros lugares interessados em apreciar e conhecer novas culturas. Relacionado a isso, estão os patrimônios históricos, tanto no âmbito do material, quanto do imaterial, e estes possuem características que os tornam atrativos turísticos das cidades.

A festa no município de Campina Grande é encarada nos dias de hoje como importante tradição cultural, ainda que tenha adquirido novos formatos. O público turístico vem crescendo cada vez mais e é possível visualizar uma grande quantidade de visitantes vindos de cidades vizinhas além de pessoas vindas de todo o Brasil, dado esse comprovado conforme a pergunta de número oito do questionário da pesquisa, em que foi perguntado a cidade de origem dos visitantes.

O que se observou é que a relação que os moradores têm com essas festividades vai além do vínculo “religioso”, já que quando relacionadas à cultura local, a festa assume um papel reforçador da identidade e da preservação da memória, sendo consideradas fortes tradições culturais, mesmo a população local clamando pela preservação dos artistas locais, como o forró pé de serra, na gastronomia e nos monumentos.

A modernidade e o avanço das tecnologias implicam em transformações no ambiente urbano. Fazem com que os significados atribuídos aos bens culturais e às práticas a eles associadas criem novos significados com o passar do tempo, como a inclusão de vários gêneros musicais, organização por meio de parceiras pública/privada, maior visibilidade nos meios de comunicação seja local ou de proporções nacionais (mídia escrita e televisionada, redes sociais), além da ação e influência de grupos que não se importam com o valor histórico e a preservação destes patrimônios.

A escolha pela festa do Maior São João do Mundo se deu por acreditar que esta faz parte da cultura e da tradição da cidade sendo, portanto, um potencial para que o turismo cultural e religioso se desenvolva, pois se acredita aqui que estes patrimônios podem contribuir de forma positiva para a melhoria de vários outros aspectos da cidade, como no desenvolvimento do comércio local e na melhoria da qualidade dos serviços prestados.

Pôde ser constatado que a festa é considerada, pelos moradores, o principal evento cultural e “religioso”, além de ser a principal festa tradicional da cidade. Durante sua realização, a cidade cria uma nova configuração e o sentimento de identidade é reafirmado pelos moradores. Por estes motivos, o tombamento de bens patrimoniais intangíveis do município reconhecido por seu valor patrimonial pelo IPHAN. Um dos principais centros de comércio e expressão cultural do Planalto da Borborema, a Feira de Campina Grande, na Paraíba, recebeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil. A solenidade, que foi realizada no Parque do Povo, consagra o processo colaborativo para o registro do bem imaterial e marca a continuidade de ações de apoio e fomento, por meio de uma política de salvaguarda construída em conjunto pelo poder público e aqueles que fazem o dia a dia da feira.

Com o passar dos anos, a festa foi sendo descaracterizadas e “esquecidas” por parte da população (afastamento dos moradores locais, como participantes da festa, principalmente os de mais idade, apesar da maioria dos frequentadores ainda ser campinenses), e, por consequência, aproveitadas pelo poder público para o desenvolvimento da atividade turística em Campina Grande. Desta forma, o turismo surge como uma alternativa positiva de promoção, já que a grande maioria dos moradores do município vê a festa como parte de sua identidade. Mesmo com todas as ressignificações com o passar dos anos, a população acredita que a festa possui a sua identidade ainda preservada e fator constituinte de sua cultura, além de a cidade possuir diversos aspectos históricos que contribuem para que este tipo de turismo cresça.

Logo, o estudo se fez importante, para a compreensão da real representatividade que esta festa possui para a preservação da história, da tradição e da cultura local. Observou-se a necessidade de olharmos com mais atenção para os bens culturais ligados à história e à tradição da cidade, que estão sendo

descaracterizados pelos governantes, como citaram vários dos entrevistados. É inegável que o patrimônio, material e imaterial, de Campina Grande vêm se perdendo ao longo dos anos, contudo há um desejo da população em preservá-lo.

É incontestável que a inserção da atividade turística em Campina Grande/PB atribui valorização aos patrimônios e oferece possibilidades de revitalização. Nota-se uma urgente necessidade de tratamento destes patrimônios, não só pela importância em se preservar a história local, mas também como forma de torná-los atrativos, tanto para os turistas quanto aos próprios cidadãos campinenses.

Acredito que os patrimônios históricos não são atrativos turísticos por si só e, por isso, é importante à atuação dos planejadores turísticos para darem destaque e visibilidade à sua atratividade, de forma que estes se tornem um potencial para a cidade, aliados aos recursos que o município já possui.

O cuidado que se deve ter é para que não aconteça em Campina Grande o que aconteceu em outras cidades, que utilizaram do seu patrimônio intangível, para o desenvolvimento turístico, sem o devido planejamento e, assim, estes foram deteriorados e descaracterizados. Resultando em mais retornos negativos do que positivos para a cidade.

O descaso por parte do governo e a violência presenciada no município durante as festividades atrapalham na divulgação da imagem de Campina Grande e, conseqüentemente, interferem na ascensão do turismo, já que, antes mesmo de conhecerem o lado bom, o que se propagam são os casos de violência, causando assim uma primeira impressão ruim de toda a cidade.

Com efeito, Beni e Moesch (2015), o turismo é bem visto quando proporciona benefícios para todos os envolvidos, e ajuda a criar um novo olhar sobre os patrimônios da cidade. Sendo assim, o avanço do fenômeno turístico deve ser visto para além de seu valor economicista, para que não haja um reducionismo da prática epistemológica. Os meios acadêmicos devem investir no "saber-fazer" para proporem competências adequadas aos que atuam no turismo e assim, livrar-se do empirismo no "fazer-saber" que empobrece o mercado e que vem pautando as práticas do turismo no Brasil.

Deve se reconhecer que a atividade turística tem esse poder de agregar valor aos monumentos das localidades e, por isso, sua valorização em Campina Grande

tende a ser uma alternativa para solucionar diversos problemas, além de uma forma de preservação dos bens do município. Como diz Fonseca (2009, p. 74) “produzir e consumir cultura são fatores fundamentais para o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade”.

Nessa perspectiva, o patrimônio cultural não se dissocia de seus conteúdos vivos, conteúdos estes materializados nos indivíduos e vivificados nos grupos sociais. Portanto, quando se fala em conservação e destinação dos bens culturais, sejam eles tangíveis ou intangíveis, não se pode esquecer o contexto histórico e social nos quais estes bens estão inseridos. Há que se lembrar de que o patrimônio das populações locais não é desprovido de sentidos e sentimentos, ao contrário, em última instância é prática social.

Isso constitui sentimentos na comunidade local de pertencimento, o que permite aos depositários desse patrimônio uma possibilidade de sentirem-se parte integrante de seus bens culturais. A conservação, a proteção, a ressignificação e a divulgação desses eventos são ações que merecem atenção, pois estes patrimônios culturais podem ser determinantes no desenvolvimento do turismo em Campina Grande.

De acordo com os resultados da pesquisa, os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que se constituiu em analisar o evento O Maior São João do Mundo de Campina Grande na preservação e divulgação dos patrimônios históricos-culturais, e sua influência no desenvolvimento local, podemos observar que a cidade tem assumido protagonismo, no turismo não só no Maior São João do Mundo como na realização de eventos diversos. Os recursos financeiros circulantes na cidade de Campina Grande na realização de eventos culturais e no movimento de turistas e participantes de eventos culturais tem movimentado o comércio valorizando o artesanato, a gastronomia, visitas aos principais monumentos históricos e culturais e áreas circunvizinhas da cidade, salientando o fator climático da serra Borborema, que agrada a todos os visitantes.

REFERÊNCIAS

_____. **A sombra de Dionísio** - Contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

_____. **Cultura popular na pós-modernidade**. In: ENCONTRO NACIONAL DE CULTURA, 4., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2008. 1 CD-ROM.

_____. **Festa para turista, mas do povo: um olhar sobre a cultura lúdico-participativa do Maior São João do Mundo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO DE BASES LOCAIS, 10., 2007, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2007. 1 CD-ROM.

_____. Marketing Cultural. In: RUBIM, Linda (Org.). **Organização e Produção da Cultura**. Salvador: EDUFBA, 2005b.

_____. **Os usos da festa do Maior São João do Mundo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE CULTURA, 5., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2009. 1 CD-ROM.

_____. Para sair do século 20. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massa**. In: COSTA, Luiz (Org.) **Teoria da cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ALMANDRADE. **O carnaval e a imagem urbana**. Texto sem referência. Salvador.

ALMEIDA, Elpídio. **História de Campina Grande**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à brasileira: significados do festejar no país que não é sério**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado. Disponível em:

<http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/RitaAmaral.htm>. Acesso em: 15 ago. 2006.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

ARAÚJO, Gisele Ferreira de. **Estratégias de sustentabilidade: Aspectos científicos, sociais e legais, contexto global: visão comparativa**. São Paulo: Editora Letras Jurídicas, 2008.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas (SP): Papyrus, 2000.

BENI, Mario Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOG CG RETALHOS. **O Maior São João do Mundo – Primeiros Anos (1983 a 1986). Retalhos Históricos de Campina Grande**. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2009/08/parque-do-povo-sendo-construido-o-sao.html#.WzVZ99JKi1s>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

BRITO, Mafalda Sofia Ferreira de. **Memória e identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2013. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/7011>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

BURITI, Iranilson. OLIVEIRA, Catarina. **História da Paraíba**. Curitiba: Base, 2009.

BURNS, Peter. **Turismo e Antropologia - uma introdução**. São Paulo. Ed. Chronos. 2002.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande: RG Editora e Gráfica, 1998.

CÂMARA, Epaminondas. **Os Alicerces de Campina Grande. Esboço Histórico-Social do Povoado e da Vila (1697 a 1864)**. Campina Grande: Edições Caravela, 1999.

CAMARGO, Patrícia de. **Os impactos do turismo cultural**. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Orgs.). **Turismo cultural: Estratégias, sustentabilidade e tendências**. Ilhéus (BA): EDITUS, 2009.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: como entrar e sair da modernidade**. 4. Ed. São Paulo: EDUSP, 2008

CARMONA, Marcos. **A reintrodução da cultura do algodão no semiárido do Brasil através do fortalecimento da agricultura familiar: um resultado prático da atuação do COEP**. Cadernos de Oficina Social, vol. 13, p. 24-25. Rio de Janeiro: Oficina Social, Centro de Tecnologia, Trabalho e Cidadania, 2005. ISSN 1518-4545 ; 13.

CASTRO, César Nunes de. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental: Transposição do Rio São Francisco**. Repositório IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [online]. 2009, vol. 2, pp. 71-75. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_regional/090725_boletim_regional2.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

CHIANCA, Luciana. **A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal (RN): EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.

CHIANCA, Luciana. **São João na cidade: Ensaio e improvisos sobre a festa junina**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

COSTA, Everaldo Batista da; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo (org). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2012. (Parte II e III).

COSTA, H. A. **Destinos do turismo: percursos para a sustentabilidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

COSTA, Sandra Paula Veras Amorim. **O Maior São João do Mundo, de Campina Grande – PB e as Concepções de Desenvolvimento: Uma análise de conteúdo das falas de atores envolvidos em sua formulação e realização**. Campina Grande PB: UEPB, 2016, 113 p. 97

DANTAS, Ivan Coelho, SOUZA, Cinthia Maria Carlos. **Arborização urbana na cidade de Campina Grande - PB: Inventário e suas espécies**. Revista de Biologia e Ciência da Terra, Vol. 4, No. 2, 2004. ISSN 1519-5228.

DE LA TORRE, Oscar P. **El Turismo, fenómeno social**. México: Fondos de Cultura Económica, 1997.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Editor Contraponto, 1997.

DENCKER, Ada de Freitas Manet. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. 6ª ed. São Paulo: Futura 1998.

DIAS, Reinaldo. **Características, definições e conceitos básicos do turismo**. In: **DIAS, Reinaldo. Planejamento do Turismo: Política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo, Atlas, 2003.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS, Reinaldo. Turismo sustentável e meio ambiente. São Paulo: Atlas, 2008.

DRUMMOND, José Augusto. **Patrimônios natural e cultural: Endereços distintos nos espaços urbanos, rurais e selvagens**. In: LUCHIARI, Maria Tereza Paes et.al. (Orgs), **Patrimônio natureza e cultura**. Campinas. São Paulo. Papyrus, 2007.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

FERRETI, Eliane Regina. **Turismo e meio ambiente: Uma abordagem integrada**. São Paulo: Roca, 2002.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia da pesquisa: Um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Lendas e tradições brasileiras**. Publicações da S.C.A., v. 3, 1917, 184 p. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6834>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GASTAL, Susana. **Imagem e Imaginários no turismo**. In: **Turismo, imagens e imaginários**. 1. Ed. São Paulo: Aleph, 2005. V. 1. 92 p. cap. 8.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. *Revista de Administração de Empresas*. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/20594>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

GOMES, Ivair. **Sustentabilidade social e ambiental na agricultura familiar**. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, v. 5, 2004. ISSN 1519-5228. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=50050107>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

GOMES, Maryvone Moura. **Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários: O caso do São João de Maracanaú – Região Metropolitana de Fortaleza (RMF, Ceará)**. *GeoTextos*, vol. 7, n. 2, 2011, p. 99-120. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9771/1984-5537geo.v7i2.5647> >. Acesso em: 24 jun. 2018.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPETA, 1997.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (Org.). **A Invenção das tradições**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Col. Pensamento Crítico, 55).

HUIZINGA, Johan. **Homo lumens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.

KOZINETS, Robert V. Netnografia: **Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. 98

LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico**. 14. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

LIMA, Rossini Tavares de; ANDRADE, Julieta de. **Escola de Folclore: Pesquisa de Cultura Espontânea, Brasil**. São Paulo: Escola de Folclore. 2. ed. 1983.

LUCENA FILHO, Severino Alves. **A festa junina em Campina Grande – Paraíba: evento gerador de discursos organizacionais no contexto do folkmarketing**. Tese

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MARTINS, Clerton. **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MENDONÇA, Maria Luiza M. **Turismo sustentável: Classes sociais e subjetividade**. In: MONTORO, Tânia Siqueira (Org.). **Cultura do turismo: Desafios e práticas socioambientais**. Brasília: Thesaurus, 2003.

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural**. São Paulo: Autêntica, 2004.

MOESCH, Marutschka. **A Produção do Saber Turístico**. São Paulo: Contexto, 2002

MOESCH, Marutschka M. **A construção metodológica Dialética: Por uma epistemologia do Turismo.** Dissertação – Mestrado em Comunicação Social. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

_____. **Epistemologia Social do Turismo.** (Tese de Doutorado em Comunicação). Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo.** Volume 1 (p.08-28). Revista Cenário: Brasília, 2013.

_____. **Dimensão social.** IN: Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão - Desenvolvimento regional, rede de produção e clusters. São Paulo: Manole, 2012.

MONTORO, Tânia Siqueira. **Agenda 21 do turismo: a construção do imaginário convocante.** In: MONTORO, Tânia Siqueira (Org.). **Cultura do turismo: desafios e práticas socioambientais.** Brasília: Thesaurus, 2003.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORIGI, Valdir JOSE. **Imagens recortadas, tradições reinventadas: as narrativas da festa junina em Campina Grande-PB.** 2001. 345p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MORIGI, Valdir José. **Narrativas do Encantamento: O Maior São João do Mundo, mídia e cultura regional.** Porto Alegre: Armazém Digital, 2007.

MORIN, Edgard. **Cultura de Massas no Século XX: volume 1 - neurose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MTUR. Ministério do Turismo. **Edital de chamada pública nº 001/2017: Seleção pública de propostas relacionadas a festejos juninos para a participação de municípios em ações de promoção, comunicação e apoio à comercialização.**

Disponível

em:

<http://www.turismo.gov.br/images/edital_chamada_publica_festejos_juninos.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MURTA, Stela Maris. **Interpretar o patrimônio: Um desafio para o turismo cultural**. In: CAMARGO, Patrícia de; CRUZ, Gustavo da (Orgs.). **Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências**. Ilhéus (BA): EDITUS, 2009.

MUSEU DIGITAL DE CAMPINA GRANDE. **Inovação, Tecnologia e História. Campina Grande: Museu Digital de Campina Grande**, 2018. (material audiovisual).

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **Trajatória da sustentabilidade: Do ambiental ao social, do social ao econômico. Estudos avançados [online]**. 2012, vol. 26, n. 74, pp. 51-64. ISSN 0103-4014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142012000100005>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

NÓBREGA. Zulmira Silva. **A festa do Maior São João do Mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande**. Salvador: UFBA, 2010.

OCTÁVIO, José. **História da Paraíba - Lutas e Resistência**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: Arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950)**. 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008. 99

RANGEL, Lúcia Helena. **Festas Juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

REIS, José de Ribamar Sousa dos. **São João em São Luis: O maior atrativo turístico-cultural do Maranhão**. São Luis: Aquarela, 2003.

RIBEIRO, Heloisa, **Rotas da fé: Festas Juninas. Caderno Virtual de Turismo**, vol. 2, núm. 3, 2002, pp. 24-35. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: < <http://ucsj.redalyc.org/articulo.oa?id=115418117004>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

RIBEIRO, Heloisa, **Rotas da fé: Festas Juninas. Caderno Virtual de Turismo**, vol. 2, núm. 3, 2002, pp. 24-35. Universidade Federal do Rio de Janeiro _ Rio de Janeiro, Brasil.

RODRIGUES, Cléa Cordeiro. **[informação pessoal]. Informação coletada em: 09 maio 2018. Local de coleta: Memorial do Maior São João do Mundo**, Campina Grande, Paraíba.

RUBIM, Antônio A. Canelas. Espetáculo. In: _____ (Org.). **Cultura e atualidade**. Salvador: EDUFBA, 2005a.

RUBIM, Linda. Produção Cultural. In: _____ (Org.). **Organização e produção da Cultura** Salvador: EDUFBA, 2005c.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas, SP: Papirus, 16 ed. 2012.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável: Idéias sustentáveis**. In: STROH, Paula Yone (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SANTANA, Agustín. **Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações**. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5 (1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SEDE (Secretaria de Desenvolvimento Econômico) da PMCG. **São João de Campina Grande assegura crescimento no PIB municipal**. Site oficial do Maior São João do Mundo. Campina Grande. 27 maio. 2009. Disponível em: <http://www.saojoaodecampina.pb.gov.br/geral/imprensa>. Acesso em: 28 maio. 2009.

SOBRINHO, João Alves. **História de Campina Grande em versos**. Campina Grande: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2004.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: Turismo cultural, ecoturismo e ética**. São Paulo: Aleph, 2000.

TOMAZZONI, Edegar Luis. **Turismo e desenvolvimento regional: Dimensões, elementos e indicadores**. Caxias do Sul (RS): EDUCS, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Festejos juninos e os ritos de origem agrária**. In INTERCOM Revista brasileira de comunicação, São Paulo, Vol. XVIII, nº 2, julho/dezembro de 1995.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: SESC / Studio Nobel, 2001.

VARGAS, Maria Augusta Mundim. **Festas patrimônio: Os ciclos junino e natalino de Sergipe**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 252-273, ago/2014.

VEJA. **Revista Veja** Edição especial de maio de 2002, p. 46-47.

WAINBERG, Jacques A. **Turismo e comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo: Contexto, 2003.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

CRONOGRAMA DE PESQUISA

Atividades:	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Pesquisa de literatura	X	X	X	X	X	X	X
Revisão Bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X
Qualificação	X	X					
Revisão	X	X	X	X	X	X	X
Elaboração das entrevistas			X	X			
Pesquisa de campo	X						
Sistematização e análise dos dados				X	X	X	X
Elaboração do texto final da dissertação			X	X	X	X	X
Defesa							X

APÊNCIDE A – ENTREVISTA DOS FREQUENTADORES: OS FESTEJOS JUNINOS COMO OPORTUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

Esta entrevista é parte integrante da pesquisa intitulada “Os Festejos Juninos Como Oportunidade De Desenvolvimento Turístico”, que busca compreender como as festas religiosas, relacionadas à cultura e aos patrimônios locais, podem atuar no desenvolvimento turístico de cidades históricas, como Campina Grande.

Perfil:

FREQUENTADOR

1. Sexo:

- Feminino
- Masculino
- Outros

2. Idade:

- 18 ou menos
- 19 a 29
- 30 a 39
- 40 a 49
- 50 a 59
- 60 a 69
- 70 a 79
- 80 ou mais

3. Estado Civil:

- Solteiro
- Casado
- Separado
- Divorciado
- Viúvo
- União estável
- “amigado”, “amasiado” ou “convivente”
- Outro.

4. Qual sua renda mensal?

Nenhuma renda

- Até um salário (até R\$ 724,00)
- De um a três salários (de R\$ 724,01 até R\$ 2.172,00)
- De três a seis salários (de R\$ 2.172,01 até R\$ 4.344,00)
- De seis a nove salários (de R\$ 4.344,01 até R\$ 6.516,00)
- De 9 a 12 salários (de R\$ 6.516,01 até R\$ 8.688,00)
- De 12 a 15 salários (de R\$ 8.688,01 até R\$ 10.860,00)
- Mais de 15 salários (mais de R\$ 10.860,01)

5. Profissão:

6. Grau de escolaridade:

- Nível Fundamental
- Ensino Médio
- Nível Superior
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado

7. Religião:

8. Cidade/Estado de Origem:

9. Com que frequência você participa do Maior São João?

10. Você percebe mudanças nas festas com o passar dos anos? Quais? Essas mudanças foram boas ou ruins?

- Formato de 360 graus do palco do parque do povo;
- Parte do palco principal ficou mais apertada;
- Adesão ao sertanejo nas atrações principais

- O número de entradas
- Filas para entrar e/ou consumir produtos à venda
- Colocação das barracas para a parte de dentro
- Horário de encerramento da festa
- A venda das bebidas, que foi proibida a compra de outros fornecedores.
- Localização do parque do povo
- Desvalorização do forró pé de serra e músicas dos nossos artistas paraibanos
- Maior investimento em segurança

11. De que modo?

12. Você acredita que estas festas são atrativos turísticos da cidade

- Sim
- Não

13. Em sua opinião, em que medida as festas contribuem para a manutenção das tradições das festa?

14. O que esta festa representa para você?

- Povo acolhedor e hospitaleiro, festa organizada, tranquila.
- Um espetáculo
- Valorização das tradições

APÊNCIDE B – ENTREVISTA DA ORGANIZAÇÃO: OS FESTEJOS JUNINOS COMO OPORTUNIDADE DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

Esta entrevista é parte integrante da pesquisa intitulada “Os Festejos Juninos Como Oportunidade De Desenvolvimento Turístico”, que busca compreender como as festas religiosas, relacionadas à cultura e aos patrimônios locais, podem atuar no desenvolvimento turístico de cidades históricas, como Campina Grande.

ORGANIZAÇÃO

1. Há quanto tempo você participa da organização do Maior São João?
2. Para você, o que as festas de Campina Grande proporcionam para a cidade? (De positivo e negativo)
3. Como e quando se inicia o processo de organização desta festa?
4. Em sua opinião, em que medida a festa tem contribuído ou pode contribuir para o desenvolvimento do turismo local? OU: a festa contribui para o turismo local? Sim ou não... em que?
5. Você considera estas festas como parte do patrimônio histórico e cultural de Campina Grande?
6. Existe alguma participação da Secretaria de Turismo na organização das festas históricas e religiosas de Campina Grande?
7. Você acredita que estas festas são atrativos turísticos da cidade?
8. O que você mudaria na festa?